Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Tássia Vargas Escobar Azevedo

A manifestação da loucura e do feminino na prosa de Conceição Evaristo

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

São Paulo
2021

Tássia Vargas Escobar Azevedo

A manifestação da loucura e do feminino na prosa de Conceição Evaristo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação do Profa. Dra. Annita Costa Malufe.

São Paulo
2021

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Dedico esta pesquisa aos meus queridos ancestrais que me trouxeram aqui: à minha avó materna Iracema Vargas, ao meu avô paterno Renato Azevedo e à minha tia avó Gelcira Vargas. Sem eles, eu seria matéria sem forma, com eles sou ser pensante, que pulsa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Annita Costa Malufe, pelo incentivo e celeridade no auxílio às atividades, pela paciência, pelo apoio e ajuda ao longo do curso. Por acreditar em mim desde o primeiro minuto que nos conhecemos, por marcar cafés para conversar sobre o trabalho e sobre a vida e, principalmente, por ser meu guia para a conclusão desta dissertação.

Agradeço a Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira, pela conversa maravilhosa inicial, antes mesmo de eu me decidir pelo mestrado, e, posteriormente, ter caminhado ao meu lado. Pelas trocas em sala de aula, repletas de filosofia e contemporaneidade, pelo apoio emocional durante a fase mais difícil pela qual passei, por me apoiar, acreditar no meu potencial desde o início e, gentilmente, por ter aceitado fazer parte desta banca.

Agradeço a Ana Albertina, por ser minha fada madrinha durante todo o processo, não me deixar desistir nunca e sempre manter minha cabeça erguida. Por estar sempre disponível quando eu mais precisava.

Agradeço ao Prof. Dr. Filipe Alexandre Pinheiro Rodrigues Ferreira, pela troca inicial sobre feminismos e a importância da mulher, quando participei como ouvinte e ele palestrante na Jornada do grupo de Poesia da PUC e por aceitar fazer parte desta banca.

Agradeço ao Prof. Me. Cassiano Butti, pelas conversas, por me apresentar à professora Cida e pelo incentivo ao mestrado.

Agradeço ao meu pai, Renato Azevedo Junior, pelas idas constantes à Bienal do Livro, pelas leituras antes de dormir sob a luz do abajur, pelos dias e pelas noites escrevendo e por sempre estar presente ao meu lado, apoiando e amparando. Sem ele não seria possível a realização deste trabalho e nem de qualquer outra conquista em minha vida.

Agradeço à minha mãe, Tania Maria Vargas Escobar Azevedo, pelas noites de apoio e escrita, pelo exemplo de humanidade, de persistência e de coragem ao enfrentar os desafios, por me incentivar sempre e nunca me deixar desistir.

Agradeço à minha tia Maria Elena Vargas Escobar por me ensinar a ler a partir dos gibis e manter esse amor pela leitura, pelos dias e noites escrevendo e me ensinar muito sobre a luta antimanicomial.

Agradeço à minha tia Maria Theresa Vargas Escobar Ferraz de Camargo pelo apoio incondicional, por manter minha criatividade e imaginação acesas, fazendo-me acreditar em fadas, em gnomos e na energia da terra.

Agradeço ao meu tio Antonius Iraeo Escobar pelo apoio à vida intelectual, pelos dias e noites escrevendo, ao incentivo para eu ser um indivíduo pensante melhor a cada dia e por se preocupar sempre comigo, como um gesto incondicional de amor.

Agradeço ao meu tio Antonius Jack Vargas Escobar pela ajuda com a teoria de Michel Foucault, e a Tia Eliana pelas lembranças boas de infância, em Geribá, e que, mesmo distantes, mantiveram-se presentes.

Agradeço à minha avó paterna Edna Maria de Mello Azevedo pelo amor através dos doces e da preocupação constante.

Agradeço a minha tia Gleisse de Mello Azevedo, por me inspirar como professora e me abrir para o Espiritismo, pois, sem ele, eu não conseguiria seguir.

Agradeço aos meus sobrinhos queridos Noah Vargas Escobar Azevedo Pionkowski e Adam Vargas Escobar Azevedo Pionkowski, que me ajudaram a reagir diante da vida e são os meus carinhos no coração.

Agradeço a minha segunda mãe do coração a Bolis, Maria Olivia, por estar comigo sempre nos momentos felizes e também tristes.

Agradeço a minha Tia Mônica por sempre estar presente e fazer parte dos bons momentos da minha infância no sítio.

Agradeço à minha tia Maby, sempre muito amorosa e acolhedora, mulher inspiradora com uma força que nunca vi em alguém.

Agradeço às minhas psicólogas Fernanda Kebleris e Helenice Alves Teixeira porque sem elas eu não estaria viva hoje.

Agradeço à minha amiga Tatiana Bortoletti, por estar comigo e segurar a minha mão quando eu me encontrei no estado mais frágil da minha vida.

Agradeço à minha amiga Juliana Mutafi, por se preocupar comigo e estar lá por mim em um momento delicado, quase que por um fio, da minha vida.

Agradeço à espiritualidade por me colocar no caminho que hoje me encontro, concluindo esta pesquisa.

Agradeço aos meus animais de estimação Quixote e Pagu pelos dias de carinho enquanto eu escrevia.

As mulheres, durante séculos, serviram de espelho aos homens por possuírem o poder mágico e delicioso de refletirem uma imagem do homem duas vezes maior que o natural. (WOOLF, 1929, p. 54)

Azevedo, Tássia Vargas Escobar. **A manifestação da loucura e do feminino na prosa de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2021, 74p.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o romance afro-brasileiro *Ponciá Vicêncio*, da escritora Conceição Evaristo, lançado em 2003, levando em consideração a loucura feminina como aspecto literário. Para tanto, vamos nos valer do filósofo Michel Foucault, em *História da loucura* (2017), quando se referir aos termos "loucura e "poder"", e da historiadora e feminista Margareth Rago, em *A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013), para elucidar o conceito de "feminino". A obra de Evaristo é marcada por uma personagem feminina, deslocada e estigmatizada pela loucura, manifestada como forma de resistência e não alienação. Ao longo da narrativa, em consequência do abandono, a protagonista se ampara no silêncio, com as suas memórias, e passa a ser considerada louca por seu marido. Entretanto, a voz do narrador será a responsável por desnudar seus pensamentos, deixando explícito ao leitor a atitude subversiva de sua mudez. A linguagem fragmentada e a narrativa circular, onde a história, o tempo e o espaço são ligados pela memória da protagonista, auxiliam na desconstrução das oposições binárias e hierárquicas que sustentam o patriarcado.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo. Literatura brasileira. Romance afro-brasileiro. Feminino. Loucura.

Azevedo, Tássia Vargas Escobar. **A manifestação da loucura e do feminino na prosa de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2021, 74p.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Afro-Brazilian novel Ponciá Vicêncio, by writer Conceição Evaristo, launched in 2003, taking into account female madness as a literary aspect. For that, we will use the philosopher Michel Foucault, in History of madness (2017), when referring to the terms “madness” and “power”, and the historian and feminist Margareth Rago, in The adventure of telling yourself. Feminisms, self-writing and inventions of subjectivity (2013), to elucidate the concept of “feminine”. Evaristo's work is marked by a female character, displaced and stigmatized by madness, manifested as a form of resistance and not alienation. Throughout the narrative, as a result of abandonment, the protagonist is supported by silence, with her memories, and starts to be considered crazy by her husband. However, the voice of the narrator will be responsible for exposing his thoughts, making explicit the subversive attitude of his speechlessness to the reader. The fragmented language and the circular narrative, where history, time and space are linked by the protagonist's memory, help to deconstruct the binary and hierarchical oppositions that support the patriarchy.

Keywords: Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo. Brazilian literature. Afro-Brazilian romance. Female. Madness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 – O FEMININO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

1.1. Questões teóricas sobre feminino 14

1.2. Conceição Evaristo 24

CAPÍTULO 2 – A LOUCURA E AS MULHERES

2.1. A mulher e o estereótipo da loucura 32

2.2. Ponciá Vicêncio 46

CAPÍTULO 3 – A POÉTICA DA LOUCURA EM PONCIÁ

3.1. As heranças de Ponciá Vicêncio 49

3.2. Loucura e resistência 61

CONSIDERAÇÕES FINAIS 67

REFERÊNCIAS 70

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a figuração da loucura feminina na literatura e verificar como essa imagem tradicional da mulher é desconstruída na novela-corpus *Ponciá Vicêncio* (2018), de Conceição Evaristo. Tal caminho será percorrido sob a ótica da construção da narrativa em relação às personagens, de acordo com os conceitos de "feminino" e de "loucura", encontrados no texto.

Pretende-se abordar a visão da escritora sobre a loucura, a partir da análise da personagem feminina e da composição da obra, correlacionando-a com o conceito de "poder", segundo o filósofo Michel Foucault, para o qual é uma prática social constituída historicamente.

No livro *Microfísica do poder* (1979) o filósofo interroga sobre a questão do poder, mas não como um bem, porém como ele é exercido perante a sociedade. Portanto, nesta dissertação, procuramos escapar a certos procedimentos do pensamento político, onde o poder é pensado a partir de parâmetros jurídicos, como um direito do qual se é possuidor — como se fosse um bem — e que, em consequência, poderia ser transferido ou alienado total ou parcialmente mediante um ato jurídico ou fundador, que seria da ordem da coesão ou do contrato.

Procuramos analisá-lo em termos de luta; a dominação é um exercício: são táticas, manobras, técnicas que possibilitam a manutenção do poder. Deste modo, somos levados a considerar o social como um campo de forças, sendo o poder o efeito produzido por determinadas correlações. Afinal, "(...) O poder não é uma instituição, não é uma estrutura, não é uma certa potência da qual alguns seriam dotados: é o nome que se empresta a uma situação estratégica complexa em uma sociedade dada (...)". (FOUCAULT, 1979, p. 89),

Deste modo, o poder é o efeito de uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao campo em que se exercem; forças que são constitutivas desse contexto de atuação.

Tal concepção de poder, portanto, permitiu a Foucault operar alguns deslocamentos que as análises genealógicas vieram mostrar: o estudo minucioso da instituição carcerária ou do dispositivo da sexualidade,

evidenciando que o poder não está localizado somente no Estado. Descobriremos por meio da “microfísica do poder”, ou seja, através da análise pormenorizada de suas formas locais, procedimentos técnicos que realizam um controle detalhado dos corpos, atitudes e comportamentos.

O poder é compreendido por Foucault como uma prática social que somente a análise histórica poderá mostrar seu funcionamento. Isto é, o poder não tem identidade e não poderíamos localizar a sua figura em instituições, em “aparelhos”, que sujeitariam os cidadãos a um Estado. Ele não é uno, sempre idêntico a si mesmo, mas, sim, o efeito de uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao campo em que se exercem, e constitutivas desse campo. Por outro lado, ele não é uma estrutura, isto é, sua forma não é a da lei, da regra, mas a do jogo: através de lutas, afrontamentos, transformações, inversões ou reforços das correlações de forças.

Finalmente, ele não possui uma matriz única (dominante-dominado), a partir da qual surgem ramificações que atravessam todo o tecido social, o que existe são correlações de forças que encontram umas nas outras apoios, formando sistemas ou cadeias, ou, ao contrário, formando defasagens e contradições. O poder aparece dessa maneira como o efeito produzido por um campo de relações de forças.

Portanto, podemos pensar que o poder que o masculino exerce sobre o feminino não surge por meio de leis ou normas escritas, porém aparece dentro das relações sociais que se estabeleceram, ao longo da história, pelo patriarcalismo.

O poder em relação às mulheres, segundo Michele Perrot, é polissêmico, e as representações que o poder forneceu acerca das mulheres são antigas e numerosas, a começar pela primeira mulher, apresentada no Velho Testamento, em “Gênesis”, Eva. Ela quem teria sido a responsável pela entrada do mal no paraíso, pois experimentou a fruta proibida, e, ainda, ofereceu-a a Adão, corrompendo o homem e abrindo as portas para o pecado. Logo, a figura feminina, normalmente, é apresentada como a imagem que originou o mal e a infelicidade.

Portanto, as representações de mulheres foram tecidas a partir do medo e do desejo dos homens, onde há a existência de duas visões: por um lado, a

de rainha da noite, oposta à razão do homem, e por outro, a da benéfica dona de casa e provedora do lar.

Como veremos em nosso capítulo inicial, na primeira dessas visões, localizamos a frequência da associação da mulher com a loucura, pois, de acordo com Virginia Carvalho de Assis Costa (2016): “(...) A representação literária da mulher é historicamente pautada pela dualidade mocinha passiva e submissa X vilã histérica e ameaçadora. (...)”.

Ao revisitar o discurso sobre a natureza feminina no século XVIII**,** é possível analisar que quando a mulher se encontra na esfera privada, ela é representada como o “anjo do lar” (TELLES, 1988), e, ao sair desse mundo criado para ela, o mal se faz presente e se torna uma bruxa, um demônio, uma malvada ou uma louca.

No capítulo 1, assim, abordaremos os desdobramentos acerca do feminino baseados em teóricos como Margareth Rago, Heloisa Buarque de Hollanda, Michelle Perrot e Mary Del Priore. Para que, no capítulo 2, possamos aprofundar os desdobramentos teóricos da relação entre o feminino e a loucura, do ponto de vista do poder, a partir da visão de Foucault.

Como introduziremos no capítulo 2, a análise da novela de Evaristo engloba esta temática do poder, observando como a personagem Ponciá Vicêncio, em sua própria “loucura”, se constitui como mulher de resistência, principalmente, ao título de “maluca” ou marginal, a partir de seu silêncio, diante de seu sofrimento, violências domésticas e psicológicas. E, ao mesmo tempo, como ela resiste a partir das suas memórias, seja do avô, do pai, suas primeiras descobertas como uma fuga de sua realidade. Assim, após a apresentação da personagem, faremos a análise da novela e, ao fim, notaremos ser possível, ou não, rever a lógica da mulher histérica, analisando como Ponciá reverbera o mito da loucura, sob uma forma oposta da que foi consolidada.

Assim, esperamos ao final desta dissertação ter investigado a problemática central desta pesquisa que se enuncia do seguinte modo: como o literário é constituído no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo na relação entre o feminino e a loucura?

CAPÍTULO 1
O FEMININO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

1.1. Questões teóricas sobre feminino

O feminismo/feminino tem uma história que precisa ser contada por meio da perspectiva da história das mulheres. Com isso, será possível verificar, com mais embasamento, que a vida da personagem feminina Ponciá está inserida em um contexto maior: o dos caminhos percorridos para a construção do conceito “mulher”, ao longo dos séculos.

O surgimento da história das mulheres, segundo Michelle Perrot (2007), se deu na Grã-Bretanha, na América do Norte nos anos 1960, e também na França na década seguinte.

Variados fatores contribuíram para o nascimento do objeto “mulher”, tanto na história quanto nas ciências humanas em geral; três fatores principais fizeram parte desse nascimento: os fatores científicos, na década de 70, que se deram através de uma renovação das questões que foram tanto vinculadas com a crise dos sistemas de pensamento, como também interligadas com a modificação das alianças disciplinares e com o destaque da subjetividade. Os fatores sociológicos contribuíram através do ingresso das mulheres na sociedade na década de 70, tanto como docentes quanto estudantes, fazendo com que essa feminização, conforme a chama Perrot, se tornasse, ao menos, uma escuta favorável das mulheres na sociedade. E também os fatores políticos, por consequência, decisivos, foram compostos pelo advento de um movimento de liberação das mulheres, criado a partir dos anos 1970.

No entanto, Michelle Perrot disserta que, quando se trata da história das mulheres, existe um déficit, por uma falta de vestígios. Primeiramente, pela ausência de registro na própria gramática, onde, quando há mistura de gêneros usa-se o masculino plural. Segundo, pelo casamento, nos quais as mulheres perdiam seu sobrenome e muitas vezes se tornava difícil e, praticamente impossível, reconstituir linhagens femininas. O que contribui para esse déficit na história das mulheres também é o caso de o espectador as

enxergarem somente no âmbito privado, resignadas a casa. Quando elas atuam no espaço público, utiliza-se de estereótipos para denominá-las. E, por fim, existe também a destruição de vestígios, que ocorre sendo “(...) social e sexualmente seletiva (...)” (PERROT, 207, p. 22), por exemplo, quando um homem célebre se encontra casado, o papel dele é conservado, enquanto o da mulher é descartado.

Para Perrot, há uma autodestruição da memória feminina, onde muitas mulheres, convencidas de sua insignificância, destruíram seus papéis pessoais, suas cartas, confissões e trabalhos de escrita, pois:

> A destruição dos vestígios também ocorre, sendo social e sexualmente seletiva. Num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher. (...) Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, (...) muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíam - ou destroem – seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa. (PERROT, 2007, p. 22)

Portanto, “A destruição dos vestígios” levou a um enorme abismo na história das mulheres, por falta de fontes, não apenas especificamente sobre elas, mas, sim, arquivos que testemunhassem a sua existência concreta e a sua história. Logo, ao se trabalhar a cronologia do feminino, em determinado tempo e espaço, Michelle Perrot coloca que esse abismo de falta de informações precisas é um ponto que traz “vergonha”, por não ser exatamente fácil de estabelecer. Mesmo assim, existem acontecimentos próprios, mais designados pela esfera cultural do que pela esfera política. A autora destaca a livre contracepção como um dos acontecimentos mais marcantes, o que abalou as relações entre os sexos, e, por consequência, a dissolução da hierarquia entre eles.

Segundo Perrot, a educação das mulheres se deu em 1880 com a escolarização e, em 1950 com o ingresso na universidade. Para ela, houve uma consequência da modernidade e o Estado teve um papel importante para que isso acontecesse:

> Efeito da modernidade provavelmente: os homens desejam ter "companheiras inteligentes". Os Estados almejam mulheres instruídas para a educação básica das crianças. O mercado de trabalho precisa de mulheres qualificadas. (PERROT, 2007, p. 95)

Ou seja, a autora expõe que as mulheres não confiavam no próprio ensino oferecido a elas, principalmente as feministas da Belle Époque que reivindicavam a "Coeducação" dos sexos, para assegurar os mesmos programas e espaços, assim, criando igualdade.

Quanto ao trabalho, Perrot aborda as mulheres operárias, colocando que a industrialização foi o que estabeleceu a questão do trabalho na vida delas, pois não sabiam como conciliar o cuidado na casa e o trabalho fora o dia todo. De acordo com a autora, houve uma divisão universal, declarada por um delegado operário da exposição mundial de 1867: "(...) Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos (...)". (PERROT, 2010, p.178)

Portanto, a autora conclui dizendo que a Revolução Francesa é contraditória, pois a declaração dos direitos do homem e do cidadão não abrange as mulheres, pois não são denominadas nem reconhecidas como indivíduos, apesar da Revolução ceder a elas direitos civis e não o direito político. Por isso, segundo Perrot, foi preciso ir adiante: "(...) As revoluções do século XX constituem brechas nos sistemas de poder, favoráveis à reinvindicação latente da igualdade dos sexos (...)". (PERROT, 2017, p.143)

O feminismo vem se reafirmando como um dos movimentos sociais que se situam no campo emancipatório desde sua primeira expressão na França, em 1789, quando as mulheres, organizadas, lançaram em praça pública seus reclames e desafiaram a história e a si ao questionarem a ordem estabelecida, reivindicando a igualdade e afirmando a liberdade.

Daquele momento em diante, o feminismo passou a ocupar a cena pública com suas bandeiras de luta, ações e estratégias que, no geral, se constituem como questionamento às bases de exploração-dominação que demarcam a experiência das mulheres ao longo da história patriarcal.

Com o avanço do conceito de gênero, foi-se capaz de verificar com mais clareza as discriminações, que, até então, eram vistas como naturalidade pela maioria das sociedades.

No entanto, para abordarmos esse tema complexo é importante buscarmos seu conceito no âmbito de seu significado corrente. Logo, a seguir faremos algumas considerações fundamentadas nas pensadoras Judith Butler e Gayle Rubin.

A etimologia da palavra “gênero” vem do latim *genere* = nascimento, origem. Denominada como “conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas, tem em comum - ainda: designação da espécie humana do homem.” (Aurélio, 2020, *online*).

Pode-se depreender dessa etimologia da palavra que: gênero é um recurso classificatório, agrupando em uma mesma espécie indivíduos que compartilham de uma mesma propriedade.

Partiremos de duas constatações empíricas ordinariamente aceitas pelo senso comum, mas também de base científica. A primeira delas é a de que não há um indivíduo idêntico ao outro, em termos científicos, pois as pessoas são biologicamente diferentes. A segunda é que além da diferença biológica há significativas desigualdades sociais produzidas por processos históricos.

Já com o avanço da genética foi possível, diante de experimentos, produzirem indivíduos biologicamente idênticos, mesmo neste caso, estes irão se diferenciar mediante os processos de socialização. Nesta linha de pensamento, Gabriela Moncau coloca que “(...) Gayle Rubin vê o parentesco como culturalização da sexualidade biológica e a psicanálise como descrição da transformação da sexualidade biológica pela cultura (...)”. (MONCAU, 2018, *online*)

Podemos, logo, inferir dessa passagem que a natureza humana é conformada pelos fatores biológicos e sociais. A diferença de gênero tem base biológica, mas esta não é suficiente para a constituição integral da essência humana. Grande parte das chamadas diferenças de gênero são frutos dos processos sociais nos quais o indivíduo está inserido desde o seu nascimento.

A prática do senso comum se torna biológica às desigualdades sociais ao julgar que o sexo feminino é destinado naturalmente à tarefa subalterna, do mesmo modo que naturaliza a existência de diferenças de classe, sendo que para estes a condição dos subalternos é algo inscrito na natureza da sociedade.

À luz dessas considerações, vejamos como se coloca no movimento feminista a distinção acima descrita. É esta distinção, tradicional no movimento feminista, que é problematizada por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2016).

Dentro dos questionamentos de Butler, o que nos pareceu ser um dos principais, é que a autora concebe a identidade de gênero – ser homem ou ser mulher – como consequência da produção discursiva, ou seja, um efeito do discurso e não uma manifestação do sexo, como observamos, na seguinte passagem:

> (...) o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (...) não há necessidade de gênero por trás das expressões de gênero: essa identidade é performaticamente constituída, pelas próprias expressões tidas como resultados. (BUTLER, 2016, p.56)

Esse excerto evidencia que não há uma substância interna e não há um sujeito responsável pela regulação do gênero, pois essa é algo constituído por atos, gestos e por uma produção discursiva que produzem a aparência. No entanto, tal aspecto é enganador, pois supõe que aquelas manifestações provêm do sexo, ou seja, do sujeito. São estes atos culturais significativos que geram a ilusão de um núcleo interno do qual o gênero seria a expressão. Em suma, o gênero é constituído socialmente sendo efeito da atmosfera ideológica reinante.

Esses apontamentos nos permitem entender que a questão central de Butler é pautada por uma concepção bem determinada das relações entre sexo (natural) e gênero (construído).

A problemática das determinações biológicas e sociais na conformação da natureza humana apresenta uma série de soluções muitas vezes antagônicas. Nesta gama variada, destacaremos uma que parece ser relevante na medida em que faz ruir uma série de preconceitos que permeiam o senso comum. Nesta linha, Butler rompe com o tradicional esquema binário, feminino-masculino no qual muitos autores se baseiam. Segundo a autora:

> Se o gênero são significados centrais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorre de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção entre sexo e gênero sugere uma descontinuidade radical, entre corpos sexuados e gêneros, culturalmente construído. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que construção de "homens" se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo mulheres interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2016, p. 26)

Nesse trecho, depreende-se que Butler procura alicerçar a tese de que nem o sexo e nem o gênero podem ser reduzidos a um esquema binário que empobrece a diversidade que está contida no ser humano. Parece evidente que ela questiona o aparato conceitual vigente na maioria dos movimentos feministas, ou seja, a distinção entre sexo como natural e gênero como construção social.

Ela não só descarta o esquema binário como não concebe o sexo como elemento que atua de modo significativo na construção social de gênero, conforme menciona: "(...) A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou por ele restrito (...)". (BUTLER, 2016, p. 26). Esta passagem deixa clara a postura teórica da autora ao demarcar a sua posição frente aos que se valem ao sistema binário. Em suma, Butler aponta que o sexo não é o regulador de gênero.

Em seu livro *O feminismo é para todo mundo* (2019), a autora Bell Hooks traz a reflexão de que o feminismo é "(...) um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão (...)". (HOOKS, 2019, p.17). Para a teórica, esta não é uma definição irrefutável, Hooks coloca que para compreender o feminismo é necessário compreender o sexismo. Segundo ela, a massa que acredita na teoria de que o feminismo é apenas uma questão de igualdade entre homens e mulheres e que pensam que feminismo é o sinônimo de ser anti-homem, na verdade, tem uma incompreensão sobre as verdadeiras políticas feministas e são levados a crer em uma mídia contaminada pelo patriarcalismo.

Na realidade, a política feminista combate o pensamento e o comportamento sexista. Estes pensamentos e comportamentos não são exclusividades dos homens, mas como também de muitas mulheres. Segundo

esta mesma autora, o foco do feminismo contemporâneo passou a ser a luta pela justiça de gênero.

“Feministas são formadas, não nascem feministas” (HOOKS, 2019, p. 25). Afinal, não é porque uma pessoa nasceu do sexo feminino que ela necessariamente defenda politicamente o feminismo. A pessoa escolhe esta posição política simplesmente, como em todas as outras posições, em função de sua escolha e de sua ação.

Seria necessário, primeiramente, criar consciência para antes mudar o modo patriarcal vigente. Segundo Hooks, essa “consciência feminista”, que ela chama de revolucionária, trouxe à tona a importância do ensinamento sobre o patriarcado como sistema de autoritarismo, pois é:

> Através da conscientização, mulheres adquiriram força para desafiar o poder patriarcal no trabalho e em casa. No entanto, é importante notar que a fundação desse trabalho começou com mulheres examinando o pensamento sexista e criando estratégias com as quais mudaríamos nossas atitudes e crenças por meio de conversão para um pensamento feminista e comprometimento com políticas feministas. (HOOKS, 2019, p. 26)

Mas, enquanto o pensamento feminista surgia em pequenos grupos, a teorização dele começou a ser produzido em material impresso para, assim, abranger maior número de pessoas e com esse avanço, grupos se desfizeram.

Ao concluir o pensamento de Hooks, é possível dizer que o “feminismo é antissexismo”. A autora acredita que sem a união da população masculina na luta, o movimento feminista não irá avançar.

Para Hooks, a maior exigência requerida por grupos de conscientização foi a de que “(...) todas as mulheres confrontassem o sexismo internalizado (...)” (HOOKS, 2019, p. 31). E essa exigência seria, para a autora, o passo indispensável a ser dado por qualquer pessoa que faça a escolha da política feminina. Por fim, é importante notar que os atos e convicções sexistas são, para Hooks e para quem se declara feminista, “as ameaças, os inimigos”.

Em seu artigo “Epistemologia Feminista, Gênero e História” - epistemologia aqui entendida como a construção do conhecimento e do saber científico - Margareth Rago faz uma reflexão sobre se é possível existir uma maneira feminina de escrever história de um modo radicalmente diferente do

modo masculino. O questionamento que a autora faz inicialmente é se, afinal, existe uma teoria feminista do conhecimento?

Segundo Rago, importantes mudanças estão acontecendo na produção do conhecimento científico, pois o feminismo propõe uma maneira alternativa, a partir do reconhecimento de que até recentemente a história é escrita por homens, especialmente pelo homem branco, ocidental e heterossexual, tornando a narrativa científica "particularista, ideológico, racista e sexista". (RAGO, 1998, p 04)

É preciso, portanto, uma nova linguagem ou um contradiscurso na produção científica, não só por parte do movimento feminista, como também por parte de outras minorias. Para tanto, Rago reconhece dois pontos relevantes no reconhecimento da existência de uma (ou várias) epistemologia feminista.

Em primeiro lugar, a crítica que o movimento feminista faz (juntamente com outros ramos do saber, como a Psicanálise, por exemplo) à narrativa histórica foi feita até agora a partir da perspectiva masculina, o que impede a objetividade e a neutralidade do historiador, o que, por si só, distorce a observação científica da história, pois o viés da presença dos valores masculinos suprime ou distorce a participação de mulheres, sendo, portanto, uma narrativa de identidade e gênero.

A autora considera ainda que a mulher não deve ser pensada como um ser biológico pré-determinado, "(...) mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes (...)". (RAGO, 1998, p. 06)

Deste modo, as relações culturais, entendidas principalmente na linguagem e no discurso vigentes, são anteriores às relações econômicas e sociais (visão divergente do marxismo) e, logo, torna-se importante o estudo científico de uma História Cultural, a qual, necessariamente, deve incluir as mulheres, desfazendo o discurso masculino de inferioridade ou mesmo ausência delas na história das relações sociais.

Em segundo lugar, há o nascimento relativamente recente de um contradiscurso feminista, o qual incorpora as questões femininas em vários campos do conhecimento, novamente tomando a Psicanálise como exemplo.

Questões como sexualidade, relações de gênero, descriminalização do aborto e demais lutas das mulheres são agora pautas de discussões e de estudos de diversos pesquisadores, incluindo até mesmo os de formação marxista, considerado um avanço, pois tais apontamentos sempre ficaram de fora das análises marxistas. Este discurso feminista acaba por influenciar também outros movimentos – étnicos e raciais, por exemplo- na busca de inclusão no conhecimento científico que descreva mais acuradamente a História Social da Humanidade.

Ou seja, as mulheres estão criando uma nova fala na interpretação do mundo, contra o discurso machista hierarquizante e autoritário. Esta fala é, necessariamente, libertadora e emancipadora. De acordo com Rago:

> Não há dúvidas de que o **modo feminista de pensar** rompe com os modelos de pesquisa científica. Se a crítica feminista deve "encontrar seu próprio assunto, seu próprio sistema, sua própria teoria e sua própria voz," como diz Showalter, é possível dizer que as mulheres estão construindo **uma linguagem nova**. (RAGO,1998, p.10)

Deste modo, esta nova linguagem que o feminismo introduz na epistemologia objetiva, o afastamento da noção de que o conhecimento tem bases puramente racionais, mas que o feminino traz à discussão a necessidade de incorporar outros valores, como a emoção, a intuição e a subjetividade, coloca em questão a dicotomia corpo e mente, sentimento e razão.

Esta proposta nova do pensamento feminista deve levar em consideração que o processo de construção do conhecimento deve ser realizado com homens e mulheres em comunicação constante. Isto é, por meio de diálogos críticos com diferentes pontos de vista, com poder de modificação de pressuposições científicas.

É interessante observar como essa proposta feminista deu origem ao surgimento de novas questões históricas ligadas às mulheres, tais como prostituição, aborto, sexualidade e, dentro do nosso objeto de estudo, a loucura.

A elaboração, por exemplo, do estudo da história do corpo feminino, afastou inúmeros estigmas do poder médico sobre as mulheres, derrubando inverdades científicas sobre sexualidade, maternidade e parto.

Com a evolução desta proposta, as questões inerentes às mulheres passaram das discussões das situações sociais de trabalhadoras para incluir “as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras”. (RAGO, 1998, p. 14)

Em suma, o movimento feminista passa a questionar que as diferenças entre homens e mulheres sejam puramente biológicas e sugerem, principalmente, uma construção cultural. É a História Cultural em contraposição à História Social, a qual por muito tempo tentou explicar a História, das mulheres inclusive, como consequência da luta de classes, deixando de lado importantes questões, como a subjetividade e a participação da Psicanálise, como eixo, por exemplo.

E, por fim, Rago conclui que:

> Enfim, parece que já não há mais dúvidas de que as mulheres sabem inovar na reorganização dos espaços físicos, sociais, culturais e aqui, pode-se complementar, nos intelectuais e científicos. E o que me parece mais importante, sabem inovar libertariamente, abrindo o campo das possibilidades interpretativas, propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver. (RAGO, 1998, p. 17)

Ou seja, mulheres importantes no papel emancipatório feminino fizeram história e permanecem nela até hoje. Muitas brasileiras fizeram história na luta feminina, tais como: Maria Lacerda, Patrícia Galvão, a libertária Agostina Guizzardi, Laura Brandão, Bertha Lutz, Mietta Santiago; e sem contar as mulheres que integraram posteriormente o cenário musical, artístico e político, trazendo à tona sua presença no mundo artístico e intelectual, a saber: Chiquinha Gonzaga, Leila Diniz, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Cecilia Meireles, Rita Lee, Marta Suplicy, Mariana Coelho e muitas outras, dentre as quais cabe destacar a autora de nosso estudo: Conceição Evaristo.

Portanto, as lutas das mulheres, ao longo da história, são de extrema importância para a consolidação da contenda feminina dentro do panorama

social atual. Hoje, temos uma gama de movimentos feministas e divisões dentro deles, onde se é possível travar diálogos diretos e assegurar os direitos femininos com a população e o governo. Ainda assim, ainda se luta contra o patriarcalismo e o machismo que imperam no Brasil desde sua origem, através de novas formas de resistência e de amparos às mulheres que necessitam. E, por fim, entender o feminismo e a luta das mulheres por meio da história se faz essencial para construir um presente digno e com igualdade de direitos.

1.2. Conceição Evaristo

Por tratarmos de uma autora contemporânea, em plena produção, e que começa a se destacar no cenário literário brasileiro hoje, com apenas primeiros estudos acerca de sua obra, acreditamos na importância de apresentá-la. Sobretudo, trazendo algumas de suas posições em relação à literatura.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte no dia 29 de novembro de 1946. Filha de família humilde e negra teve uma infância bastante difícil, marcada por preconceitos e privações econômicas.

Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, trabalhava como lavadeira e era uma pessoa batalhadora que, com sacrifícios, buscava sempre propiciar melhores oportunidades de estudo aos filhos. Evaristo conheceu pouco a respeito de seu pai sanguíneo, passando a considerar como verdadeiro o seu padrasto Aníbal Vitorino, cuja profissão era pedreiro. Tinha quatro irmãs de seu pai de sangue e mais cinco meios irmãos que a mãe teve com seu padrasto.

Devido à impossibilidade de sustentar todos os filhos, aos sete anos Evaristo foi levada para morar com uma tia, também lavadeira, irmã mais velha de sua mãe, que tinha uma situação financeira um pouco melhor, pois seu marido era pedreiro e não tinham filhos. A condição de vida que desfrutou na casa de sua tia ofereceu a ela uma oportunidade de estudo, sobressaindo-se à frente das irmãs.

Começou a trabalhar precocemente, aos oito anos, como empregada doméstica, ou seja, arrumando a casa, lavando as roupas e cuidando de crianças. Entretanto, os patrões eram professores e constantemente a menina

trocava horas de trabalho por aulas particulares ou livros didáticos, tanto para ela quanto para os seus irmãos.

O alto grau de sensibilidade, seu senso crítico aguçado e uma atitude questionadora fez com que Evaristo se diferenciasse, mesmo diante de uma realidade mais dura enfrentada por ela, como afirma em seu depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras em Belo Horizonte, em maio de 2009:

> Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um "apartaid" escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. Além de minhas inquietações, de meus questionamentos e brigas com colegas, havia a constante vigilância e cobrança de minha mãe à escola. Ela ia às reuniões, mesmo odiando o silêncio que era imposto às mães pobres e quando tinha oportunidade de falar soltava o verbo. (EVARISTO, 2009, *online*)

Esse depoimento de Evaristo revela sua atitude ativa frente à vida e também a importância do papel de sua mãe que se portava de forma presente e destemida. Sua sensibilidade em relação à mulher configurou-se na infância sob a figura materna, demonstrada na seguinte fala, proferida por ela, no mesmo Colóquio citado acima: "(...) Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, [de] culpa e [de] impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela (...)". (EVARISTO, 2009, *online*)

Conceição Evaristo terminou o primário em 1958 e recebeu seu primeiro prêmio de literatura neste mesmo ano, vencendo um concurso de redação, cujo título era: “Porque me orgulho de ser brasileira”. Afirma, quanto a isso, que:

> Quanto à beleza da redação, reinou o consenso dos professores, quanto ao prêmio, houve discordâncias. Minha passagem pela escola não tinha sido de uma aluna bem-comportada. Esperavam certa passividade de uma menina negra e pobre, assim como da sua família. E não éramos. Tínhamos uma consciência, mesmo que difusa, de nossa condição de pessoas negras, pobres e faveladas. (EVARISTO, 2009, *online*)

Em seu período escolar, agradava-lhe fazer redações, pois permitiam criar e vivenciar na fantasia uma realidade distante das carências que sofria. Era uma forma de viver sonhos inacessíveis frente à impossibilidade de romper com as imposições que a vida lhe oferecia. Evaristo afirma que:

> (...) nada, porém freava meus desejos… se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis...eu menina, dona de um tenaz esperança e de uma sabedoria precoce, reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido”. (EVARISTO, 2009, *online*)

Frente à sua sensibilidade, as coisas simples da vida adquiriam uma força e beleza. Assim, as flores, os frutos, as árvores que matavam a fome, os bolinhos feitos por sua mãe, as bonecas feitas de capim ou bruxas de pano que tinham nomes e histórias, as nuvens e as estrelas, sinais do infinito, que sua mãe e tia a ensinaram, proporcionavam-lhe um olhar e um sentir diferentes. Para Evaristo, “(...) é desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas(...)”. (EVARISTO, 2009, *online*)

Não seria por acaso que a autora demonstra grande admiração pela obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada,* de Maria Carolina de Jesus. Evaristo conta que quando o livro ressurgiu, no final da década de 60, criou uma comoção nas classes mais abastadas e logo lhe despertou um sentimento

de identificação com as personagens, que vêm de uma origem semelhante à sua, pois eles eram: “(...) carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.(...)” (EVARISTO, 2009, *online*)

A autora também protesta na entrevista, concedida para o jornal *Brasil de Fato,* em julho de 2018, sobre o preconceito:

> (...) o racismo que permeia as instituições brasileiras é muito cruel. Estão no imaginário do brasileiro algumas competências para o sujeito negro. Acredita-se que ele saiba dançar, cantar, e principalmente no caso das mulheres, cozinhar. Mas as competências intelectuais, principalmente as literárias, não. Quando se trata da literatura, talvez porque ela use o maior bem simbólico da nação que é a língua, essa escrita negra não é acreditada. (EVARISTO, 2018, *online*)

Terminado o primário, Evaristo fez curso ginasial com muitas interrupções e por volta dos 17 anos ingressou em um movimento denominado Juventude Operária Católica (JOC), ocasião pela qual travou intensas discussões a respeito da realidade brasileira. Já em 1971, concluiu o curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais. Entretanto, nessa época, passou por um período particularmente difícil junto com a sua família, em consequência do plano de desfavelamento, que promovia o deslocamento das pessoas para periferia do centro da cidade, onde a carência de recursos era ainda maior.

Em 1973, já formada professora, e sem a menor possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, migrou para o Rio de Janeiro com a ajuda de amigos, pois, neste período, entrar na carreira do magistério exigia indicação de famílias importantes da cidade. Mas logo começou a trabalhar na rede pública da capital fluminense como docente e cursou Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ), sendo a primeira da família a conseguir um diploma universitário. Participava ativamente dos movimentos de valorização da cultura

negra e publicou em 1990 seus primeiros contos e poemas na série “Cadernos Negros”.

Em 1996, tornou-se Mestra em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação que aborda um tema que lhe é muito caro: “Literatura Negra: uma poética de nossa Afro-brasilidade”.

Em 2003, publicou sua primeira novela, corpus de nossa pesquisa: *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte, tendo uma boa acolhida de público e de crítica. A obra narra a trajetória de uma mulher negra chamada Ponciá Vicêncio, desde sua infância até à idade adulta. A prosa é recheada de linguagem poética, sua narrativa é em 3ª pessoa, um narrador onisciente que percorre a vida de Ponciá, em seu passado, presente e futuro, com idas e vindas. É uma narrativa não-linear, seguida por cortes temporais, em que o passado e o presente se conectam, como veremos, com mais detalhes, adiante.

O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas, segundo aponta o Portal da Literatura Afro-Brasileira.[1]

Em 2006, publicou o seu segundo romance *Becos da memória* que trata e, de forma poética narra o drama vivido pela população de uma favela frente ao processo de remoção. Neste livro, também, a ação é protagonizada por uma figura feminina como símbolo de resistência à discriminação e pobreza.

Em 2007, foi feita a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês e a obra foi lançada nos Estados Unidos pela *Host Publications*, rendendo várias publicações e palestras proferidas pela autora nas universidades norte-americanas.

Sua produção poética ganhou maior visibilidade em 2008 com a publicação de *Poemas de recordação e outros movimentos*, no qual mantém,

---

[1] EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras
Belo Horizonte, Maio de 2009. LITERAFRO Portal da literatura Afro-Brasileira - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> [online]. Acesso em: 23/10/2020

de uma forma lírica, as denúncias quanto às condições sociais dos afrodescendentes.

Em 2011, Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que mais uma vez trabalha o universo das relações de gênero no âmbito de uma sociedade racista e sexista. No mesmo ano, também se tornou Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), defendendo a tese: “Poemas malungos, cânticos irmãos”.

Em 2013, a obra antes citada, *Becos da memória,* ganha nova edição, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários.

Em 2014, a autora recebe o prêmio Jabuti, na categoria “Contos e Crônicas” pela publicação do livro *Olhos D’água*, que é constituído por 15 contos, sendo muitos deles já publicados nos *Cadernos Negros*, mas que agora, reunidos, formam um mosaico com diferentes personagens e situações voltadas ao cotidiano da comunidade afro-brasileira.

Em 2016, lançou mais um volume de ficção*, Histórias leves enganos e parecenças* e em 2017 o Itaú Cultural de São Paulo promoveu uma exposição, focando aspectos da vida e da literatura de Conceição Evaristo, ocasião pela qual foram produzidas *Cartas Negras*, que reacenderam um projeto de troca de mensagens entre escritoras negras, iniciado na década de 90. Neste mesmo ano a autora apresentou sua candidatura à cadeira número sete da Academia Brasileira de Letras, o que promoveu uma imensa campanha de apoio nas redes sociais, porém, teve sua candidatura rejeitada em favor do cineasta Cacá Diegues.

Em 2018, publicou uma novela, *Canção para ninar menino grande*, e neste mesmo ano foi contemplada com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra, sendo considerada como uma das mais importantes escritoras brasileiras da atualidade.

Quanto aos temas e estilo narrativo empregados em suas produções artísticas, podemos observar que as obras de Evaristo, voltadas para a vivência das mulheres negras, são marcadas pela reflexão acerca das

profundas desigualdades existentes na realidade brasileira. Ao entrelaçar realidade e ficção seus textos denunciam e evidenciam os duros aspectos vivenciados pelos que sofrem opressões de raça e de gênero em uma sociedade preconceituosa e elitista. Mas seus textos também se voltam para recuperação da ancestralidade da negritude brasileira que foi apagada, de forma proposital, pelos portugueses durante o tempo que perdurou o tráfico de escravos.

Cabe aqui mencionar um termo peculiar denominado “Escrevivência”, utilizado na construção literária de Evaristo, e observado com recorrência em suas obras. Segundo Luiza Brandino:

> O minucioso trabalho literário de Conceição Evaristo é marcado pelo uso da metalinguagem e da junção de vocábulos que geram **novas** palavras e novos significados. Sua invenção com a palavra volta-se sempre para a ancestralidade, raiz que recupera o passado e o entrelaça com a projeção ao futuro, fazendo brotar novos significados – lexicais e para além do texto. (BRANDINO, 2020)

No caso, Brandino nomeiou o termo “escrevivência” para designar o estilo narrativo de Evaristo no qual mistura invenção e fato.

São variados os temas ficcionais e poéticos utilizados pela autora, mas a condução poética principal em suas obras está voltada para o eu lírico e para mulheres negras. Embora muito frequente nos enredos de suas narrativas, a violência, Evaristo surpreende o leitor pela forma sublime e poética que retrata esse tema tão forte, imprimindo-lhe uma inexplicável leveza.

A autora se aposentou como docente da rede pública, embora continue atuando como convidada em diferentes instituições de ensino. Suas obras têm sido objeto de estudo de pesquisadores do Brasil e do exterior. É homenageada em feiras literárias de todo país, sendo considerada uma expoente da literatura Nacional.

Finalmente, um convite aos leitores feito por Evaristo em uma entrevista ao jornal *Brasil de Fato*, em julho de 2018:

> Antes de lerem nossos textos já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância. Mas é preciso conhecer os textos. Peço muito para as pessoas que não leiam apenas minha biografia, porque ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas, por favor, leiam meu texto. (EVARISTO, 2018)

Assim, acreditamos ser importante conhecer a história da autora, mas apenas no sentido de nos aproximarmos de questões que estão presentes em suas obras e nos ajudam a compreender seu projeto literário. No caso da novela, que constitui nosso corpus, é nítida a relação entre a personagem e a autora. Tal fato não pode deixar de ser explicitado. Como ela mesma diz, o material literário é colhido nas vivências: “escrevivências”. No entanto, é preciso burilar as palavras e trabalhar a escrita. Nosso objetivo, assim, não é biográfico, mas sim literário. Como veremos nos próximos capítulos, Ponciá Vicêncio, ao mesmo tempo que nos permite deslocar papéis estereotipados da mulher, é uma personagem construída a partir de muitas imagens poéticas. Buscaremos, a seguir, situar a discussão acerca do feminino e da loucura para que possamos apresentar a nossa personagem e mostrar a sua força de invenção.

CAPÍTULO 2
A LOUCURA E AS MULHERES

2.1. A mulher e o estereótipo da loucura

Um dos grandes estudiosos contemporâneos sobre a questão da loucura foi o filósofo Michel Foucault, sendo seu trabalho principal e discutido no seu livro célebre: *A História da Loucura*, editado em 1961.

A loucura foi apontada por Michel Foucault como uma criação do próprio homem, e não um objeto natural. O louco não foi encontrado ou descoberto, mas sim criado, pelas culturas, nas diferentes épocas.

> Na Idade Média, e depois no Renascimento, a loucura está presente no horizonte social como um fato estético ou cotidiano; depois, no século XVII – a partir da internação – a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão. Ela perdeu essa função de manifestação, de revelação que ela tinha na época de Shakespeare e de Cervantes. (FOUCAULT, 2006, p.163)

Segundo o filósofo, o significado do termo “loucura” foi sendo moldado, recebeu e diminuiu muitos de seus sentidos, ao mesmo tempo, construindo um conceito que até hoje está relacionado à doença mental.

Foucault coloca que, por volta do século XV, a doença lepra se esvaneceu e, com isso, os confinamentos que foram criados para as pessoas excluídas com esta enfermidade se tornaram vazios e deram espaço para outros tipos de pensamento para exclusão: o das pessoas oprimidas. A doença tem imagens e valores atribuídos ao ser humano que a porta, e há um sentido desta exclusão desta pessoa de seu grupo social, fazendo com que esses apontamentos se mostrassem relevantes, pois foram utilizados para caracterizar o fenômeno da loucura, mais tarde.

Com o século XV, a loucura é um fantasma a assombrar a imaginação do homem ocidental, assim como todas as assombrações, e ela exerceu um fascínio e uma atração sobre ele. Mas a loucura, segundo Foucault, também

está associada à fraqueza do homem, suas ilusões e sonhos, representando um relacionamento que o homem mantém com ele mesmo, sutilmente. Afinal:

> O que é então a loucura, em sua forma mais geral, porém mais concreta, para quem recusa desde o início todas as possibilidades de ação do saber sobre ela? Nada mais, sem dúvida, do que a ausência de obra. (FOUCAULT, 2006, p.156)

A loucura tem muitas faces. Nesse excerto, coloca-se que o louco teve mecanismos e práticas que o produziu como tal e Foucault direcionou seu pensamento para as condições que proporcionaram o aparecimento da psicologia. Fato esse, que na sociedade atual, consolidou o louco do mundo moderno: a psicologia revelou ao homem uma nova relação, a qual ele mesmo é o detentor de sua verdade. Nisso, o louco é o detentor da sua verdade que está escondida, e como ele não consegue encontrá-la, clama para que ela seja revelada. Mas, bem entendido, como diz Roberto Machado (1995): “(...) a psicologia, psiquiatria nunca dirão a verdade da loucura porque a loucura (como experiência trágica que foi reprimida) é que detém a verdade da psiquiatria (...)”.

Foucault vai dizer que a psicologia nasceu a partir de uma moral cotidiana e burguesa:

> A distinção entre o físico e o moral só se tornou um conceito prático na medicina do espírito no momento em que a problemática da loucura se deslocou para uma interrogação do sujeito responsável. (...) A psicologia, como meio de cura, organiza-se doravante ao redor da punição. Antes de procurar tranquilizar, ela atenua o sofrimento no rigor de uma necessidade moral. (FOUCAULT, 1972, p.325)

Ou seja, a psicologia traz à tona as verdades que o louco tem em si mesmo e o ajuda a compreender a questão interna da verdade. Mas o campo que a psicologia cria no início da modernidade é a de internações e tratamento da loucura, embora suscite discussões à caracterização do diagnóstico dela, pois:

> Em nossa ingenuidade, imaginamos talvez ter descrito um tipo psicológico, o louco, através de cento e cinquenta anos de sua história. Somos obrigados a constatar que, ao fazer a história do

> louco, o que fizemos foi - não, sem dúvida, ao nível de uma crônica das descobertas ou de uma história das ideias, mas segundo o encadeamento das estruturas fundamentais da experiência - a história daquilo que tornou possível o próprio aparecimento de uma psicologia. E por isso entendemos um fato cultural próprio do mundo ocidental desde o século XIX: esse postulado maciço definido pelo homem no ermo, mas que o demonstra bem: o ser humano não se caracteriza por um certo relacionamento com a verdade, mas detém, como pertencente a ele de fato, simultaneamente ofertada e ocultada, uma verdade. (FOUCAULT, 1972, p.522)

Logo, o surgimento da psicologia ajudou o homem com suas dificuldades em descobrir as suas verdades interiores, fazendo com que o homem as percebesse, apropriando-se delas. Já o "louco" possuiria esta verdade também, mas como no caso dele está escondida, a psicologia o ajudaria a percebê-la e tomá-la como dele.

Nos anos 1960 e 1970, surgiram muitas críticas às instituições sociais, e, entre os questionamentos aos saberes e às instituições asilares em geral, aliada à crise emergente da psiquiatria, no que diz respeito tanto a teoria quanto prática, uma série de processos denominados de Reformas Psiquiátricas alcançou países a partir a década de 1960. Esses avanços foram influenciados pela conjuntura teórico cientifica mundial que estava pontilhada de correntes denominadas antipsiquiátricas porque:

> (...) a antipsiquiatria negava praticamente tudo o que a psiquiatria tradicional afirmava a respeito da doença mental. Por isso mesmo, o fundamento da ideologia antipsiquiátrica era a total extinção dos manicômios e a eliminação da própria ideia de doença mental. (OLIVEIRA, 2011, *online*)

Dentre esses movimentos críticos, Passos e Pereira (2019) citam Paulo Amarante (2007), dizendo que a experiência italiana se destacou. Visto que, este movimento passou a promover teorias e práticas institucionais diferentes de até então adotadas. Essas eram voltadas não só às mudanças no âmbito hospitalar, mas como também no âmbito jurídico e legislativo a partir de um novo entendimento no que diz respeito à doença mental. O estabelecimento da experiência italiana sobre a Reforma Psiquiátrica foi a precursora na recomendação do encerramento completo do manicômio.

Esta reforma ocorreu no Brasil no bojo da redemocratização mediante Políticas Públicas de Saúde materializadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS - e consagradas pela Constituição de 88, quando:

> A Reforma Psiquiátrica Brasileira foi formalmente reconhecida enquanto política de Estado, através de um denso conjunto de leis e portarias que deram sustentação para a implementação de medidas que redirecionaram substancialmente a atenção da saúde mental no Brasil no horizonte da sua territorialização e humanização. (COELHO, 2017, p.285)

Tal movimento, que buscava uma reforma nas instituições tradicionais da psiquiatria, fez com que houvesse um aumento nas pesquisas dentro das instituições onde se identificou que os laudos médicos das mulheres tinham diagnósticos contaminados pelos aspectos de moralidade e preconceitos sociais. E havia também uma diferenciação diagnóstica, considerando o gênero do paciente, isto é: “(...) Nestes espaços aquilo que era lido enquanto ‘sintoma’ nos prontuários das mulheres (...) eram destacados nos prontuários de homens como qualidades positivas. (...)” (PEREIRA, AMARANTE, 2017, p.167).

Como destacam os autores, existia toda uma questão vinculada à mulher em relação à loucura que a relegava para um sofrimento ainda maior por ser mulher. A própria maternidade: se ela escolhesse não ter filhos, a mulher era considerada doente mental até pela equipe médica. “(...) Critérios como a beleza e a feiura das mulheres, o não desejo pelo matrimônio ou pela maternidade eram centrais nas avaliações médicas tanto para a internação quanto para a continuidade das mulheres nessas instituições (...)” (CUNHA,1989; ENGEL,2004; FACHINETTI; CUPELLO, 2011 apud PEREIRA e AMARANTE, 2017)

Vemos, portanto, o quanto a visão da psiquiatria tradicional era contaminada por preconceitos sociais, moralidade, ignorância, e a falta de respaldo científico nos diagnósticos. Além de uma prática institucional agressiva ao doente mental da época, o fardo maior era deixado para a mulher, à medida que ela era cerceada na sua forma de sentir e pensar. Pois, pensamentos e ações, incluindo para o próprio prazer, que fugiam das

exigências morais, religiosas, sociais da época eram vistas pelas equipes médicas como sinais de desiquilíbrio mental. A saber:

> (...) a menstruação era um momento central para os diagnósticos, não apenas pelas mudanças fisiológicas, mas porque o próprio sangue menstrual conservou para a medicina, durante os séculos, características mágicas e perigosas, sendo enfim considerado como fator determinante para doença mental. Para as moças, eram receitadas distância de ambientes e de atividades que afetavam seu "estado moral", assim como de livros de romance, espetáculos teatrais dramáticos, bailes e até colégios, sob o risco de aceleração da primeira menstruação e mesmo do desejo da masturbação. (PEREIRA, AMARANTE, 2017, p.163)

Segundo o trecho, até os fatores fisiológicos, como a menstruação, eram vistos como algo que desonrava a mulher. Em se tratando de sofrimento advindo de estados mentais, podemos dizer que elas foram vítimas ainda maiores da ignorância científica dos preconceitos vigentes da época. Ela convivia em uma sociedade machista que a subjugava ao poderio de uma visão moralista imposta por homens, castrando sua liberdade e qualquer iniciativa de imposição de seus desejos ou escolhas. Ou seja, o poder sobre a vida, o corpo, o sujeito parece sempre ter-se exercido de modo mais forte sobre as mulheres do que sobre os homens. Segundo J.L. Ferreira Neto (2007): "(...) para Foucault, a liberdade estava ligada a busca de novas formas de subjetividade (...)", pois:

> (...) as verdades que se pretendem universais possuem fatos e efeitos de dominação, frequentemente transformados em dogmas. A liberdade insere-se nesse contexto como a possibilidade de recusar esses dogmas, nos livrando das restrições que elas produzem em nossas vidas. (GONÇALVES, 2017, p. 01)

O movimento psiquiátrico tradicional da época, portanto, não contribuiu em nada para a libertação das amarras impostas à mulher, ao contrário, foi contaminado pelos preceitos e preconceitos sociais em vigor, reforçando esses valores e punindo-as. A mulher muitas vezes era estigmatizada por aspectos relacionados à fisiologia feminina, estigmas esses que as desqualificavam e permitiam em muitas vezes, que as conduzissem à hospitalização.

Segundo Ingrid Farias, é possível encontrar o feminismo nas lutas antimanicomiais na busca pela força e importância feminina em oposição aos modelos de controle, pois esses modelos "(...) têm um impacto diferenciado na vida das mulheres, através da medicalização, aprisionamento e mais recentemente encarceramento (...)". (FARIAS, 2017, p. 102)

Durante os séculos XV a XIX a loucura é apontada por Foucault como um instrumento de poder, de controle social, isolamento e punição. Assim, pode-se dizer que a loucura, muitas vezes, foi utilizada negativamente para determinar o ir e vir do cidadão de acordo com o interesse do Estado e isso se dava por meio da medicalização e das internações psiquiátricas. A medicina psiquiátrica utilizou desses controles de poder, segundo Ingrid Farias (2017, p. 102), para a realização da "(...) manutenção do projeto patriarcal de controle dos corpos femininos (...)". É necessário pensar que, no que diz respeito às mulheres, o poder de dominação sobre elas é maior, desta forma, tornam-se mais vulneráveis a este "(...) sistema de dominação e exploração capitalista, patriarcal e racista que se expressa nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais (...)". (FARIAS, 2017 p.102)

Uma das maiores contribuições de Foucault foi relacionar historicamente o conceito de loucura e a sua relação com a literatura. Segundo Roberto Machado (2000), em *Foucault, a filosofia e a literatura*, Foucault demarca esta relação em três períodos históricos: no Renascimento, na época clássica e na modernidade.

No Renascentismo, a loucura foi retratada com uma "positividade artística", vez que o personagem louco era alguém que enxergava além dos outros personagens (não loucos) e, devido a isto, assumia um papel central na trama literária. Machado acrescenta:

> (...) lembrando a posição privilegiada que ocupa o louco na cena teatral, por dizer a verdade, por ver melhor que os não-loucos, Foucault salienta que ele jamais é escutado, que só percebe que ele disse a verdade depois que a peça acabou." (MACHADO, 2000, p.38)

Emblemáticos deste período são as obras de Cervantes, em "Dom Quixote", representado pelo cavaleiro andante da Espanha e de Shakespeare

em “Macbeth” e “Hamlet”, nas figuras das personagens de Lady Macbeth e do príncipe da Dinamarca, com construções de personagens em que a loucura é tão radical que não consegue ser resgatada pela razão.

No Classicismo, com o aparecimento da reclusão dos doentes mentais nas primeiras instituições na Europa, e com a publicação da obra *Discurso do Método*, de René Descartes, em 1631, a qual preconiza um método universal na busca da verdade sempre baseado na razão, os personagens loucos desaparecem da cena literária.

Não mais existe a literatura da loucura, vez que a razão se impõe como modo de interpretação da Sociedade. A loucura não mais encontra espaço para manifestação com linguagem própria. Parafraseando Descartes, “penso, logo não sou louco” é um aforisma que poderia muito bem ser aplicado a esta época.

Na modernidade, coincidindo com o advento da psicanálise, a literatura retoma a temática da loucura, pois, segundo Machado (2000), “(...) a verdadeira experiência literária implica que se afronte o risco da loucura, que se seja retemperado pelas palavras da loucura (..)”. E continua:

> Assim, o que interessa a Foucault na literatura moderna é o esforço de selar uma aliança, de dar unidade, de encontrar um espaço comum entre a linguagem e a loucura. (MACHADO, 2000, p.48)

Deste modo, várias obras fizeram da loucura seu eixo principal, influindo também na linguagem literária, transformando o decorrer do texto como narrativa do personagem louco.

Neste sentido, foram criadas personagens marcantes e paradigmáticas da literatura moderna, tais como Gregor Samsa, no livro *A Metamorfose* e, na literatura brasileira, o surpreendente Dr. Simão Bacamarte, o médico alienista de Machado de Assis.

Ou seja, a literatura moderna consagra a loucura como expressão libertária do ser humano, fazendo parte de sua própria existência devendo, portanto, ser aceita, compreendida e, mais que do isso, assimilada, pois como bem afirmou a grande escritora Clarice Lispector: “(…) quero aceitar minha

liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico (...)". (CLARICE, 2017, p. 54)

Quanto às representações do poder da mulher na sociedade, é um tema ambíguo, pois elas são numerosas, antigas, muitas vezes recorrentes e algumas delas até fazendo parte do inconsciente coletivo, a exemplo da figura feminina vista como poderosa e má caracterizada pela figura da bruxa.

A malevolência e o poder de sedução da figura feminina também se encontram nos primórdios do tempo, protagonizada por Eva no livro do Gênesis e na mitologia grega pela figura feminina da sereia que, por meio de seu canto, enfeitiça os homens até os levarem a se afogar.

Em contraposição, a figura masculina é possuidora de uma conotação positiva, sendo vista como um ser racional e equilibrado. Em seu artigo, Perrot (1988) reforça a existência desse paradigma quando descreve como são percebidos homem e mulher: "(...) A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno, da ordem e da razão lúcida (...)". (PERROT, 1988, p.168)

Outra consideração recorrente quanto ao poder da figura feminina diz respeito ao fato de ela ser considerada, ao que se chama, uma eminência parda. Assim, cabe a ela ocupar o lugar de uma poderosa conselheira, que atua nos bastidores e faz dos homens marionetes por seus gostos e vontades.

Entretanto, as mulheres não são consideradas apenas forças do mal. São portadoras também de uma força civilizatória pela função educadora que exerce sobre as crianças. Papel este que é preponderante na adequação, diferenciação e inserção da criança em sua vida privada e na sociedade, exercendo, dessa forma, um papel importante nos destinos dos seres humanos.

Perrot recorre ao Padre Mercier para levantar uma questão instigante, questionando se de fato as mulheres não deteriam o poder: "(...) é um sexo que se chama frágil e, no entanto, exerce, seja sobre a família, seja sobre a sociedade, uma espécie de onipotência tanto para o bem como para o mal (...)". (PERROT, 2010, p. 169). Trata-se, portanto, de uma ideia comum, que remonta ao velho mito da mulher redentora no qual é dado a ela força transformadora do mundo.

Segundo a autora, as mulheres estiveram na vanguarda da Revolução francesa, o que para ela é perfeitamente compreensível, uma vez que eram as que mais sofriam. Convocadas ou não, tiveram uma participação ativa na Festa da Confederação. Fizeram adesão ao movimento e ofereceram um apoio emocionado para o conteúdo e redação da mensagem dirigida à Assembleia Nacional. Desta forma, houve a aproximação da família com a pátria, associando o privado ao público, criando assim um novo sentimento, até então, desconhecido.

Porém, a dicotomia de papéis em relação às mulheres e aos homens foi bastante acentuada no século XIX. Sob a luz do racionalismo procurou-se delimitar claramente o lugar de cada um, restando à figura feminina o restrito lugar da maternidade e da casa. Sua participação no trabalho era temporária, não qualificada, com baixos salários e mobilizada pela necessidade da família.

Também eram centro de discursos repetitivos e obsessivos criados a partir de figuras da natureza. Ora a mulher Fogo, destruidora das rotinas familiares, mulher das paixões românticas, devoradora que consumia as energias viris a qual a psicanálise enquadra na categoria de neurótica, histérica e herdeira de feiticeiras. À ruiva, o calor do sangue que dá cor aos cabelos e que conduz à desgraça. Impetuosa e vulcânica deixa apenas fumaça e cinza por onde passa. A imagem contrária, da mulher água, fonte de frescor e tranquilidade, é doce, submissa, amorosa, paciente quieta e misteriosa. E, por fim, a mulher Terra, mulher matriz que se deixa açoitar, penetrar e semear, equilibrada, ou seja, o pedestal da moralidade.

Essas imagens povoam o imaginário e inspiram poetas, porém é necessário desprender-se delas, pois elas reforçam a história dentro de uma visão dicotômica de homem/mulher, o homem revoltado/a mulher submissa; o homem criador/a mulher conservadora; o homem ativo/a mulher passiva.

Nestes últimos anos, historiadoras investiram esforços no sentido de mostrar a real presença das mulheres na história da vida cotidiana. Perrot afirma que ela mesma foi tomada por esse pensamento, e que em uma de suas obras, *Historie sans qualité*, lançado em 1979, escreve:

> Eu, por minha vez quis substituir a representação dominante de uma dona de casa insignificante negligenciada e negligenciável, oprimida e humilhada, pela de uma mulher popular rebelde, ativa e resistente,

> guardiã das subsistências, administradora do orçamento familiar no centro do espaço urbano. (PERROT, 2010, p. 172)

Em países desenvolvidos já houve uma evolução em relação às mudanças, mas segundo Perrot é no universo do trabalho onde talvez elas consigam maior renovação. Para ela, o mesmo não se pode dizer quanto ao seu espaço na política, onde pouca mudança se vê em relação a esse domínio. Para o homem seria mais fácil, pois, via de regra, não cabe a ele o trabalho doméstico, o que, eventualmente, facilita se dedicar mais a outra esfera. Uma das exigências das mulheres é justamente essa, a divisão do trabalho doméstico, e nesse ponto elas têm muito a reivindicar, pois, o que liberou muito as mulheres ocidentais das tarefas de casa deveu-se, nem tanto, pela participação dos homens que é relativamente pequena, mas sim à mecanização dos serviços domésticos.

A energia e o tempo livres, liberados com a mecanização, foram empregados em outra atividade: na inserção feminina no mercado de trabalho, sendo cada vez mais numerosas as jornadas de tempo integral. Perrot afirma que as francesas colocaram tanta energia no trabalho, guardando, simultaneamente, a conservação de um status familiar, que não sobrava a elas mais nenhuma energia para a política. Complementando esta ideia, a autora afirma na entrevista concedida para Universidade federal de Campinas – UNICAMP -, em 1996, que:

> (...) esta é uma tarefa dos homens e, como estes querem manter seu espaço na política, não se verifica muita coisa de novo neste domínio. Penso então, que será neste domínio que haverá maior renovação. Quanto ao mercado de trabalho, creio que elas vão continuar ganhando o que começaram há 20 anos. (PERROT, 1996, p. 198)

Embora nossa sociedade contemporânea mostre a existência de uma marcha de mulheres que lutam para serem protagonistas de suas histórias e dirimir as desigualdades existentes entre masculino e feminino, há muito ainda a evoluir neste aspecto.

Elas conquistaram muitas ocupações na esfera do trabalho, contudo, as desigualdades relativas ao salário, à ascensão profissional e ao poder ainda

persistem. Quanto à inserção na esfera política, como diz Perrot, existe muito a evoluir, pois, até então, este ainda é de domínio do homem, pois:

> O feminismo entre nós continuaria a ser um fato “social’, não político. A ideia de que a política não é assunto das mulheres, que aí elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, nas opiniões dos dois sexos. Além disso, as mulheres tendem a depreciar a política, a valorizar o social e o informal, assim interiorizando as normas tradicionais. É, mais uma vez, todo o problema do consentimento que aí se coloca. (PERROT, 2010, p. 184)

É evidente que muitos psiquiatras com limitada experiência social não copreendem aspectos correntes do imaginário feminino, decorrentes da situação de opressão social da mulher e confundem ideias presentes nesse imaginário como sintomas da doença mental. Buscando aclarar as considerações anteriores, vejamos como o instrumento foucaultiano pode nos fornecer elementos teóricos que iluminem a temática em questão.

Para compreendermos a significativa contribuição de Foucault para teoria política, ressaltamos que ela se centrou não no Estado em sentido estrito, mas ao que classicamente denomina-se sociedade civil. Partiremos, assim, da célebre definição gramsciana de Estado em sentido ampliado: “(...) sociedade política mais sociedade civil (...)”. (GRAMSCI apud COUTINHO, 1981, p.92)

Desse modo, a sociedade política é aquela que se denomina Estado no sentido estrito, ou seja, a totalidade dos órgãos pertencentes ao Estado (governo central, estadual, municipal) e a sociedade civil pode ser definida como a rede de organizações ditas privadas.

Uma tradição que remonta aos clássicos da ciência política, desde Maquiavel, considera o poder como estando concentrado no Estado, ao contrário, Foucault, parece-nos que esta é a sua principal contribuição, pois concebe o poder como estando distribuído por toda a sociedade civil, ou seja, em uma infinidade de instituições como: escola, meios de comunicação, hospitais psiquiátricos, prisão, em suma, em mecanismos que funcionam predominantemente por meio da ideologia.

Conforme explicitamos na introdução deste estudo, o poder não é criado como uma propriedade, mas sim como uma estratégia presente em diversas instituições como: nas igrejas, na família, nas escolas e nos hospitais, por exemplo.

A análise de Foucault coloca em relevo a importância do movimento feminista não se restringir unicamente a chamada guerra de movimento, ou seja, desenvolver lutas que giram exclusivamente ao redor do aparelho de Estado, tais como: eleições e constituinte. Mas também dedicar-se à chamada guerra de posição, que é a luta pela conquista de posições no interior das instituições, isto é: nas escolas, nos sindicatos e em outras instituições características da sociedade civil. E isto não implica negar a importância das lutas relativas ao sistema estatal, como diz Roberto Machado:

> (...) não se tratava, porém, de minimizar o papel do Estado nas relações de poder existentes em determinada sociedade. O que se pretendia era se insurgir contra a ideia de que o Estado seria o órgão central e único de poder, ou de que a inegável rede de poderes das sociedades modernas seria uma extensão dos efeitos do Estado, um simples prolongamento ou uma simples difusão, de modo de ação, o que seria destruir a especificidade dos poderes que a análise pretendia focalizar. (MACHADO, 1979, p. 13)

Depreende-se dessa passagem que o movimento feminista deve atuar em ambas esferas: a do Estado e a da sociedade civil. A atuação na sociedade civil por parte do movimento feminista, como também pelo movimento negro, é hoje usualmente chamada de ações afirmativas, que é definida por Oliven como:

> (...) um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. Em termos práticos, as ações afirmativas incentivam as organizações a agir positivamente a fim de favorecer pessoas de segmentos sociais discriminados a terem oportunidade de ascender a postos de comando. (OLIVEN, 2007, p. 29-51)

Tais ações necessitam ser combinadas com lutas ao redor do aparelho de estado que são de relevante importância. Foram essas lutas que resultaram em avanços sociais substanciais institucionalizados, na Constituição de 88. Ainda mais, são cruciais para reverter a sub-representação feminina no congresso nacional, que atualmente é ínfima, sendo: dos 513 deputados 77 são mulheres, apenas 15% e de 81 senadores 12 são mulheres, também 15% de representatividade.

Não há como negar os avanços obtidos no que tange a violência contra as mulheres, mediante a Lei Maria da Penha e mais recentemente a tipificação do crime do feminicídio e, embora com esses avanços, ainda tenhamos dados alarmantes, como segue:

> Segundo dados do Mapa da Violência da Organização das Nações Unidas, em 2015, o Brasil era o quinto país do mundo no índice de feminicídio, das quais 85% eram vítimas as mulheres negras e 90% dos casos ficavam impunes. A última edição do Atlas da Violência de 2019, também apontou que houve um crescimento de feminicídio no Brasil, com cerca de 13 assassinatos por dia, dos quais 66% são de mulheres negras." (MONTANARI, RIBEIRO, CASSIANI, 2019, p.132)

Esses exemplos ilustram a pertinência da leitura de Roberto Machado sobre Foucault, segundo a qual este não se limita a uma proposta de luta que se verifica exclusivamente na esfera da sociedade civil, ou seja, nas instituições de poder que são objetos de análise foucaultiana.

Assim, é preciso que o avanço da luta das mulheres esteja institucionalizado, materializado nas leis, se bem que tais conquistas legais sejam fundamentais, por outro lado elas não garantem a efetivação material de sua existência na multiplicidade de poderes enfocadas por Foucault.

Embora seja importante a conquista da igualdade jurídica, que todos são iguais perante a lei, é relevante observar que no capitalismo tal realidade é fictícia, pois, por exemplo, na dimensão da instituição familiar que impera o patriarcado com sua implacável opressão que sobrecarrega a mulher, duplicando sua jornada de trabalho, segundo Michele Perrot:

> O trabalho doméstico, incluindo cuidados com os filhos, ainda sobra para as mães. Vemos, com estupor, tantas mulheres agredidas.

> Cresce o número de famílias mantidas integralmente por mulheres empobrecidas. Nem a participação no espaço público nem mesmo a lei garantem que, dentro de casa, as coisas estejam resolvidas. Mudar práticas e costumes cotidianos é o mais difícil. (PERROT [Entrevista cedida a GREENHALGH])

Destaca-se também que:

> Segundo Perrot, as mulheres sempre trabalharam, mas era um "trabalho invisível", não valorizado, não remunerado. O acesso ao exercício de atividades reconhecidas e profissões remuneradas é historicamente recente, estando o trabalho das mulheres ainda longe de igualar-se ao dos homens em termos de valorização social e ganhos salariais. Além disso, conquistas femininas no espaço público, embora sejam um avanço evidente, podem revelar algumas contradições como, por exemplo, a conhecida dupla jornada de trabalho e a atual estigmatização dos afazeres domésticos. (PINSKY, 2007 *online*)

As citações acima arroladas evidenciam a importância de se atuar no plano do micro poder no sentido de transformar as práticas vigentes no cotidiano familiar. A mulher em seu dia a dia enfrenta injustiças, manifestações concretas de desigualdade econômica e social que acarretam sentimentos de insatisfação, protesto espontâneo e indignação, sem, entretanto, na maioria das vezes, ter uma clara consciência das causas reais de sua situação de oprimida. Daí a importância de despertar para a aquisição de um saber teórico que ilumine os percalços inerentes à rotina do capitalismo machista e patriarcal. Isso mostra a pertinência e a necessidade de métodos educacionais pedagógicos e de valor cognitivo que iluminem a sua prática social. Métodos esses que se diferenciam entre si consoante aos diferentes graus de formação e informação do público ao qual se dirige. Uma alternativa plausível consiste em se pautar pelas coordenadas da educação popular, conforme diz Paulo Freire, que:

> (...) é a que substancialmente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais... critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo. (FREIRE, 2007, p.103-105)

No que diz respeito à contradição entre a igualdade jurídica e a desigualdade real que afeta a mulher no âmbito familiar, duplicando sua jornada de trabalho, grande parte do movimento feminista e das mulheres propõem a minimização desse problema mediante a construção de equipamentos coletivos, como: creches, escolas, restaurantes populares, lavanderias e outros.

Em suma, desde a instalação do patriarcado, fato este que decorreu, dentre outras causas, do conhecimento da paternidade, a mulher foi objeto de vigilância, de posse e de ciúme. Esta opressão secular certamente deixou marcas indeléveis em sua subjetividade a qual se tornou permeada de sonhos e divagações inquietantes originários da dura realidade na qual está imersa.

2.2. Ponciá Vicêncio

O romance de Conceição Evaristo, que constitui o corpus de nosso estudo, apresenta a narrativa da vida da personagem que lhe dá o título: *Ponciá Vicêncio*. Desde sua tenra infância, ao relatar a crença da menina de que ela viraria um homem, caso passasse por debaixo de um arco íris até suas duras memórias com seu avô, a morte de seu pai, sua fuga para a cidade, seu namoro e casamento, seus sete abortos e também seu reencontro com sua família. O romance narra sua trajetória de forma poética e não linear, intercalando momentos da vida de Ponciá com a dos outros personagens, como seu irmão, Luandi, e sua mãe, Maria.

No início do romance, a infância de Ponciá ao lado de seus pais, seu avô e irmão é mostrada, revelando aspectos importantes sobre sua meninice e formação de seu caráter. Ponciá aprende a ler e escrever devido a um padre da região, mas os estudos foram interrompidos, e, por conseguinte, ela só aprendeu o básico. Entretanto, ao longo da trama, percebemos a sua admiração e consciência sobre a importância das letras, da leitura e do saber.

Ao meio da narrativa, Ponciá vai para a cidade, sai de sua casa sem dinheiro no bolso e chega a se tornar uma mendiga na cidade, mas por pouco tempo. Suas conquistas são apresentadas ao leitor, como o primeiro emprego,

o seu casamento e a compra da sua primeira moradia, um barraco. Com a leitura sobre o seu presente, quem o lê é entrelaçado pelas memórias da infância da protagonista, por sua vontade de buscar mãe e irmão, que foram deixados para trás. Ponciá retorna, assim, à sua cidade, a fim de procurá-los, todavia, já seria tarde, pois, lá, já não estavam mais.

A partir deste momento, o fio narrativo se intercala com a história do irmão de Ponciá, Luandi. Ele vai para a cidade também, atrás de Ponciá, mas sem sucesso de um encontro esperado. Logo consegue um emprego em uma delegacia e se apaixona por Beliza, garota da noite que acaba assassinada. Entremeada com a história de Ponciá e Luandi, Maria, a mãe dos dois, sai da cidade em busca de seus filhos, entretanto se sente e se torna perdida, pois vai e volta à casa antiga para que encontre seus filhos. Ela estava no centro de sua aflição de mãe. Nesse enredo, há uma personagem em comum a todos eles, Nêngua Kainda. Esta personagem é apresentada da forma mística, como um oráculo, ao predizer o futuro dos três.

No desfecho, a ausência toma conta de Ponciá, que se perde em si mesma. Já o marido, tem-na como louca, pois a esposa emudece, não reage aos estímulos e passa a fazer movimentos circulares, aleatórios, como dar voltas em torno dela mesma, e repetir movimentos incertos com a mão. Ela fica ausente de sua consciência, não responde quando chamada e se aloja em seus devaneios, parecendo querer ficar lá.

Enquanto isso, o irmão Luandi não perde a esperança de unir novamente a família e, ocasionalmente reencontra a mãe e a irmã. Sendo assim, os três regressam à cidade natal, na roça, onde sempre pertenceram, e veem ali um conforto, uma raiz e uma segurança, trazendo, ao final da história, um alento.

Por fim, é possível identificar uma conexão entre a loucura e o feminino no romance *Ponciá Vicêncio,* refletindo como a alienação mental se inscreve nesta obra, por meio da memória, da linguagem desconstruída que a autora se utiliza para compor a personagem perdida entre suas lembranças e também por meio do silêncio de Ponciá, o qual revela uma resistência da parte dela, e não simplesmente uma submissão ao controle de outras pessoas sobre ela.

A loucura está muito ligada, neste romance, à questão de que Ponciá, para se reerguer de seu conflito interno, fecha-se em si mesma, relutando em

se comunicar com o outro para que se consuma o ato de resistência. O seu mutismo é devido a sua luta interna e revolta externa para que a vida seja diferente daquilo que experienciou e viveu. A loucura de Ponciá vem da extrema necessidade de se encontrar em si mesma, fora dos padrões que lhe foram impostos, até o momento. Afinal, ela já não aguentava aquele casamento abusivo, não tinha felicidade em sua escolha de morar na cidade e sentia falta de seu pai e da sua vida na roça. Assim, Ponciá, decide se fechar, por ela mesma, inconscientemente, e lutar contra todas as adversidades que vem ao seu encontro.

Na obra, o calar-se da personagem e a linguagem que Evaristo imprime são recursos para que a loucura se inscreva no texto de uma forma quase sutil. Ao terminar de ler o romance, a sensação da vertigem que o leitor tem, sob o aspecto da mescla das memórias com o estado de Ponciá, impera sobre a racionalização da vida social da personagem. A memória é utilizada como meio linguístico literário para traçar o aspecto alucinante dela, e montar como ela está em constante estado febril, ora se lembrando de passagens da sua vida quando criança, ora no presente, vendo toda a relação com seu marido que sonhou ser mágica, desvanecer-se perante seus olhos. Portanto, Ponciá ou volta para si ou foge para longe de si.

Portanto, a loucura se inscreve na obra de Evaristo por meio de recursos literários que transformam a experiência em uma poética singular, trazendo-nos uma desmontagem do estereótipo da loucura feminina. Por meio de uma linguagem memorialística, recorre às cenas lembradas pela protagonista, por meio da construção do mutismo da personagem, quando se vê afastada de seus próprios sonhos, longe de sua família, como fuga. Ainda por meio de uma linguagem desconstruída e fragmentada, que mescla recortes do passado, do presente e do futuro, o romance tece uma teia de loucura como ato mais nobre de resistir. São esses aspectos da escrita de Evaristo que exploraremos a seguir, procurando salientar a construção dessa poética da loucura em Ponciá Vicêncio.

CAPÍTULO 3
A POÉTICA DA LOUCURA EM PONCIÁ

3.1. As heranças de Ponciá Vicêncio

O livro *Ponciá Vicêncio* pode ser inscrito como pertencente à literatura afro-brasileira, pois foi escrito por uma legítima autora negra brasileira - Conceição Evaristo -, que se reconhece como pertencente à etnia afrodescendente e que leva à construção poética, com muita sensibilidade e fluidez, questões tanto históricas quanto atuais da situação do negro e, principalmente - na pessoa da protagonista - das mulheres negras no Brasil.

Como bem afirma Eduardo de Assis Duarte:

> Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente, de resistência à opressão. (DUARTE, 2006, p. 306)

Ou seja, Duarte afirma a importância da representação individual, por uma personagem, como, no caso, Ponciá, mas que, ao mesmo tempo, dá voz a tantas outras pessoas que passam pela situação do estereótipo do povo negro, retratando o coletivo. No entanto, as marcas do passado, impressas na alma de cada um, não podem ser o único legado de sua história. Portanto, a protagonista vem à tona como figuração do “brutalismo poético” (DUARTE, 2006, p. 306), fazendo do texto afro-brasileiro uma ação afirmativa em defesa dos direitos, da dignidade e da igualdade de oportunidades entre os negros no Brasil.

Além da questão racial, impressa na melanina, o romance abrange mais duas esferas que devemos levar em consideração na análise da obra: a social, pois Ponciá e família fazem parte de uma comunidade de descendentes de escravos e, ao mesmo tempo, de gênero, pois os personagens vivem nas

terras do senhor branco Vicêncio, o qual se faz dono, inclusive, dos sobrenomes das pessoas que vivem em suas terras. Isto é, sob um regime machista patriarcal escravocrata que faz o leitor retornar ao século XIX. Três, portanto, são as angústias que pulsam simultaneamente no texto: a racial, a social e a de gênero.

Ponciá Vicêncio é descrito também como um romance de formação de uma identidade negra e feminina (ARRUDA, 2007, p.9). Isto é, a narrativa se desenvolve em torno do núcleo familiar desfeito, de Ponciá, mas que, de certa forma, se une pelo afeto e pelas memórias. Afinal, a protagonista, da infância à fase adulta carrega as sombras do abandono, em consequência das suas perdas. Primeiro, a morte do avô, depois a morte do pai e, por fim, o afastamento dela da família, pois vê na cidade grande a oportunidade de uma vida melhor. O que, de fato, não acontece, pois começa a trabalhar como doméstica e, posteriormente, vê-se em um relacionamento abusivo com o marido.

Quando resolve voltar para casa, no vilarejo, o único resquício da família é o boneco de barro que fez em homenagem ao avô, quando criança, jogado dentro de um baú. Infeliz, mais uma vez, deixa o seu endereço com Nêngua Kainda, a vidente do povoado, e retorna à cidade na esperança do reencontro com a família, que aconteceria tempos depois, na estação de trem. Novamente, seriam mãe, filha e irmão juntos, unidos pelas suas origens.

No percurso da trama, pode-se observar o crescimento, as dores, o sofrimento, as alterações emocionais recorrentes na vida de Ponciá e, até mesmo, as alegrias, mesmo que reduzidas, que marcaram a sua infância, pois:

> Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. (EVARISTO, 2017, p. 13)

No trecho anterior, do início do livro, Ponciá, vive momentos de felicidade, gostando de si mesma. Integrada com a natureza: o rio, os pés de frutas, as canas e o milharal. O texto passa ao leitor a sensação de movimento, com a dança das bonecas de milho, o vento e, finalmente, com o próprio tempo empregado para indicar as ações: o pretérito imperfeito com os verbos: “gostava”, que se reafirma seis vezes, “corria” e “brincava”, por exemplo. Aqui, a escolha não foi alheatória, pois, o tempo verbal utilizado, semanticamente, se refere a uma ação que não foi finalizada. Ou seja, as alegrias de Ponciá seriam interrompidas pelas circunstâncias da vida, cujo destino determinara.

A memória da personagem é narrada de modo singelo, em que se expõe o cenário simples, próximo à natureza, do trabalho na roça, em que cresceu:

> No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. Fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas as visitas deles rareavam mais ainda. A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar. Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. (EVARISTO, 2017, p. 19-20)

Nesse momento inicial, vemos uma personagem incorporada em seu ambiente e ainda sem consciência plena do sofrimento e injustiça que sofre seu povo, descendentes de negros escravizados, mas que ainda vivem quase como se fossem cativos. Pessoas marginalizadas, exploradas e oprimidas, apesar do fim da escravidão, mas “(...) ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. (...)” (EVARISTO, 2017, p. 19).

A narradora logo trará Ponciá mais velha, já casada, em suas reminiscências infantis, iniciando um processo de autonegação, chegando até a pensar em mudar seu próprio nome, até ficar “inominada”. Ponciá não gosta de seu nome e o seu sobrenome será sempre lembrado por ela como sendo o do senhor das terras em que mora.

A moça quer esquecer-se melancolicamente dos seus sonhos passados e não mais projetá-los no futuro, como vemos no trecho seguinte, em que, pressupõe-se, comece o processo de alienação mental da personagem, o qual será caracterizado como uma ausência constante do mundo ao seu redor:

> Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quieti; nenhum lhe pertencia também. (EVARISTO, 2017, p. 18)

Portanto, nenhum nome, naquele momento, seria capaz de torná-la indivíduo. Sentia-se sem identidade e, mesmo sem saber, ela era mais uma escrava, como tantas outras viventes daquela comunidade onde morava.

Mais adiante, veremos como o vazio parece invadir a personagem e seu cenário, coincidindo com esse vazio de "ser" no qual ela se via "inominada", pois: "(...) Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia- se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (...)". (EVARISTO, 2017, p. 18).

Nesse momento, há devaneios da protagonista sobre as questões de ser e estar no mundo. Existe, mesmo que mínima, uma consciência de não pertencimento. Leiamos a seguir, portanto, quando a narradora, em terceira pessoa, se refere à Ponciá, destacando, sobretudo, o vazio que a circunda, tanto por fora quanto por dentro: "(...) Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio (...)". (EVARISTO, 2017, p. 24).

Aqui, aparece o fio condutor da história de Ponciá, que irá perpassar por todo romance: a solidão da personagem. Como um dos principais destinos do ser humano, esse sentimento pode ser percebido em todo o livro, conforme a autora Conceição Evaristo (2019) afirma em depoimento: "(...) Solidão esta que a personagem tenta combater com sua arte esculpindo o barro (...)". Nessas

palavras, Ponciá reproduz a imagem do avô, que teria deixado uma herança para ela, patrimônio este não revelado até o final da história. Entretanto, tal objeto, e a presença não física, a acompanha por suas andanças, enraizado em sua memória.

Já na idade adulta, Ponciá, enquanto mulher, negra e sem recursos, acaba sofrendo violências. Nesse caso, a narradora utiliza uma sensibilidade poética ao selecionar as palavras e caracterizar as cenas de violência:

> Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos-lembranças, levantou endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida. Olhou para ele que havia se assentado na cama imunda e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. (...)
> O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio. Remexeu o feijão. (EVARISTO, 2017, p. 22)

De uma maneira literariamente elegante e poética, no trecho anterior, lemos um dos momentos de agressão à mulher por parte do marido. Validando uma situação patriarcal e machista que sofre Ponciá, bem como sua acomodação e resignação ao acontecido, pois se coloca como submissa e não reage, nem verbalmente e nem fisicamente, à violência sofrida. Pelo contrário, em seu íntimo, questiona-se, mas “(...) Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio. (...)” (EVARISTO, 2017, p. 22) e retornou à rotina. No desenrolar da história, entendemos que esta aceitação da violência, por parte de Ponciá, contribuiu para a sua ausência do mundo, interpretada pelo marido como sendo “loucura”.

Como se lê, o “soco” sofrido por Ponciá é narrado de modo sutil, quase desapercebido, pois no mesmo período a narradora já coloca a ação seguinte da personagem se recompondo e indo “vagarosamente arrumar a comida”. O mesmo acontece com o “grito”: ela se irrita e engole seco, e segue fazendo as tarefas domésticas. Neste momento, as vozes da personagem e da narradora misturam-se em uníssono: “(...) O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 22). De modo que, sentimos a identificação entre essas mulheres: a que conta a

história e a que vive a história. Dado isso, temos, de fato, a sensação de ser uma narradora (no feminino), ainda que isso não seja posto de maneira explícita.

No trecho seguinte, Ponciá percebe a realidade em que vive, lembrando-se de seus antepassados escravizados e dos descendentes ainda explorados, pois:

> Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. (EVARISTO, 2017, p. 30)

Sendo assim, por um momento, toma consciência da injustiça e, mais do que isso, toma a atitude de sair de seu povoado e partir para a grande cidade, acreditando ser capaz de se reinventar e traçar um futuro melhor. Neste momento, a esperança se faz presente e Ponciá crê em uma “vida nova”. Entretanto, a expectativa não condiz com a realidade almejada, pois ela não consegue mais enfrentar os fatos do seu cotidiano, ou seja, a dureza da cidade grande, a ausência da mãe e do irmão, e se entrega ao sentimento oposto: a desesperança, causando o horror da morte em vida, uma vez que:

> (...) agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2017, p. 30)

Logo, Ponciá, vendo-se incapaz de mudar a sua realidade, entrega-se ao vazio da existência, pois, até mesmo, os seus “sonhos” deixaram de existir.

Tal vazio irá voltar no texto por diversas vezes, como expressão do “desajuste” de Ponciá, pois:

> Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2017, p. 40).

Logo, as primeiras experiências do “vazio na cabeça” lhe causaram certo desconforto, mas, ao longo do trecho, nota-se uma gradação ao passo que Ponciá vai imergindo cada vez mais para o seu interior. Visto que, as expressões “um buraco”, a “grande fenda” e “um vácuo” representam a fuga dela perante a dura realidade que a cerca. E o que para ela era o retrato da “ausência”, para o seu marido era o da “loucura”.

Portanto, este estado mental da protagonista é um abrigo confortável porque “(...) Agora gostava da ausência na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 40). Ali, ela poderia retornar quando quisesse e seria a oportunidade de seguir adiante sendo uma “morta-viva”.

Em vários trechos do livro, a autora remete à alienação de Ponciá, explorando poeticamente a loucura da personagem, que aparece logo no início de sua jornada e a acompanha até o final:

> Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher que lhe correspondeu o sorriso. Quando contou sobre a mulher alta e transparente, a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco. Daí a uns dias, quando o pai chegou, ela escutou a mãe pedindo-lhe que cortasse o milharal. O pai argumentou que não era tempo de colheita ainda. A mãe insistiu. E, quando Ponciá Vicêncio

> acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorrira para ela entre as espigas de milho. (EVARISTO, 2017, p. 13-14)

De acordo com o trecho anterior, desde criança, Ponciá tinha uma imaginação fértil que a diferenciava das outras pessoas de sua família, quiçá das outras crianças da sua idade. Quando, “Um dia”, ela estava no milharal, viu uma “mulher alta, muito alta” com a qual trocara “sorrisos”. No entanto, quando a menina chegou em casa e contou para a sua mãe sobre o, possível, encontro, a matriarca, a princípio, não dera importância. Mas, assim que o marido chegou, ela solicitou a ele que cortasse o milharal. A criança ficou muito triste com a atitude dos pais e, mais ainda, triste por saber que não veria mais a “mulher alta”.

O pai de Ponciá, assim como as outras figuras masculinas que nos são apresentadas ao longo da narrativa, como o avô e o marido, é caracterizado como desesperançado, conformado com o próprio destino e violento. Haja vista que o pai, que questiona a esposa sobre cortar o milharal, acaba se rendendo, de maneira corriqueira, ao pedido.

Entretanto, a figura do avô é muito importante no caminhar do romance, pois ele é citado como o primeiro homem que a protagonista conhecera. Sua relevância se dá devido a sua história de vida: um homem amargurado que havia assassinado a esposa, tentado suicídio e que se automutilou cortando um braço. Essa imagem, do avô com o cotoco do braço, aparece habitualmente nas suas esculturas de barro feitas por Ponciá, todavia sua mãe fica espantada e preocupada com o comportamento da filha, pois a protagonista teve contato com ele ainda quando bebê. Ele era:

> (...) muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio. (EVARISTO, 2017, p. 15)

Ou seja, Vô Vicêncio já era um idoso quando Ponciá nasceu. Conviveram por pouco tempo, mas o suficiente para a lembrança “de um detalhe” ficar marcada na memória da menina: “o braço mutilado pra trás”, junto com “os choros misturados aos risos”. A pequena estátua do “homem-barro” passa a ser companhia silenciosa da garota e, segundo Luandi, seu irmão, ela tinha mais semelhanças com o avô do que imaginava, tal qual:

> Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina? (EVARISTO, 2017, p. 20)

Isto é, Ponciá tinha a mesma aptidão que o seu avô ao lidar com o barro e chegava a assustar a mãe, principalmente, quando fez o “homem-barro”, que seria a reprodução da silhueta de seu Vô Vicêncio, que mal conhecera: “(...) um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás (...)” (EVARISTO, 2017, p. 20).

Já as personagens femininas, a começar por Ponciá, mostram sapiência, força e determinação. A mãe de Ponciá, por exemplo, não desiste de procurar a filha e se arrisca na cidade grande para encontrá-la. Nêngua Kainda, sábia e vidente, alerta a todos, principalmente a Luandi, que o destino da família está ligado pela ancestralidade, pela história e pela raça. E será ele, no final da história, quem trará o despertar da consciência de sua condição. Conforme lemos a seguir:

> Luandi José Vicêncio olhava o rosto conturbado da irmã que caminhava em círculos. (...) [ela] tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. E ele que queria tanto ser soldado, mandar, bater, prender, de repente descobria de que nada valia a realização de seus desejos, se fossem aqueles os sentidos de sua ação, de sua vida. Soldado Nestor era

> tão fraco e tão sem mando como ele. Apenas cumpria ordens, mesmo quando mandava, mesmo quando prendia. Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo.
> Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. Ele que levara tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela.(...) Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (EVARISTO, 2017, p. 109-110)

No trecho acima, é narrada, de maneira belíssima, a tomada de consciência de Luandi sobre o seu, e de seus familiares, lugar no mundo. Ou seja, nas suas reflexões, imagina a irmã Ponciá como uma contadora da história dos negros por meio da arte em barro, pois ela: ”(...) se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 109-110). O irmão conjectura o fato de sua irmã ser herdeira da sofrida história de seu povo, ao contrário do que se imaginava antes o que seria esta herança – bens materiais. E a partir do momento que a menina, por meio do barro, conta as histórias dos negros, estas memórias fariam com que as pessoas procurassem e criassem um outro destino, “nem que fosse pela força do desejo”.

Já Luandi percebe, para si também, a realização das palavras de Nêngua Kainda, proferidas por ela sobre a busca das origens familiares. Antes, sonhara em ser soldado, mas “(...) tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. (...)” (EVARISTO, 2017, p. 109-110). Isto é, a sua existência só teria sentido se ele fizesse parte constituinte da (re)construção da história de seu povo, afinal “(...) Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. (...)” (EVARISTO, 2017, p. 109-110).

Para tanto, seria necessário compreender o “antes-agora-depois-e-do-depois-ainda”, ou seja, entender o passado, lutar no presente para que o futuro fosse mais digno. Em síntese, a luta do afrodescendente não é individual, e só dele, é de cada indivíduo, independente de raça, de gênero ou de classe social, de mãos dadas, criando uma força de transformação de ideias e pré-conceitos, a fim de mudar a realidade e o próprio destino, individual e coletivo.

Ponciá Vicêncio, por fim, reconhece a herança identitária de seu avô e assume, até, fisicamente os trejeitos dele:

> Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir. (EVARISTO, 2017, p. 110-111)

No excerto anterior, o modo como Ponciá andava, lembrava o seu avô: “(...) Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotoco (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 110-111) e assumia, além das “mutilações”, “as ausências” que o compunham. Seu comportamento era como se ela tivesse se transformado no “homem-barro”, mas em “matéria viva”. Buscava, a todo o momento, fundir a representação artística, de ser o boneco, com o “manuseio da vida”. Intercalava o real e a ficção “(...) agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 110-111).

Ponciá Vicêncio, na sua alienação, perde-se como ser único: “(...) Ela inominada tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. Cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (...)”. (EVARISTO, 2017, p. 18). Aqui, percebemos nitidamente as contradições de seus pensamentos, pois: “temia a

brincadeira, mas insistia" e, ao mesmo tempo, era tomada por "choros" e "risos", assim como seu avô.

Ela nem, ao menos, é capaz de expressar os seus sentimentos, afinal a sua cabeça "rodava no vazio". Portanto, cabe à narradora onisciente transmitir ao leitor iscas de uma personalidade "inominada" e traços do início da loucura de Ponciá: ela não consegue se encontrar e se situar, logo, se sente ninguém, nem o seu avô ou seus ancestrais, suas raízes. Está sem chão, sem terra. Em suma:

> O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos eram certezas, certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta viva, vivia. (EVARISTO, 2017, p. 30)

Nessa passagem, pode-se perceber que a narradora se refere à mulher, às questões do feminino, porque essas são indagações e reflexões recorrentes a tal gênero. Visto que, quem nunca se perguntou, principalmente pessoas do sexo feminino, o que acontecera com os nossos sonhos, com as nossas intuições e com as nossas marcas? Porque as mulheres, muitas vezes neste mundo patriarcal, vão se esvaziando e se desvalorizando, deixando de lado tudo aquilo que sonharam e tentaram construir, sobretudo, ao assumirem um lugar esperado para elas: como a de esposa e mãe.

Os sonhos de Ponciá, quando criança, eram reais, assim como o "arco-íris", que ela acreditava que não poderia passar por debaixo dele que se tornaria um menino. Por mais que fosse uma lenda de seu povo, ela acreditava e tinha a certeza de que aquilo aconteceria. Ela se deixava guiar pela realidade que lhe era apresentada, tal como para as crianças as brincadeiras o são.

Quando a narradora coloca: "(...) certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus (...)" (EVARISTO, 2017, p. 30) faz referência aos laços de convivência que foram cortados com os seus familiares: mãe, irmão e avô. Tais pessoas, que um dia foram presentes e certezas, se perderam pelo caminho da vida de Ponciá ao passo que ela se construía como mulher. E, agora na cidade, fora do seu território, via-se apartada de seus sonhos: esvaziada, vagando "como morta-viva".

3.2. Loucura e resistência

A partir do comportamento da personagem Ponciá, podemos traçar um paralelo entre o comportamento da protagonista com a loucura, em geral, e com a loucura feminina, em particular. Mas, aqui, como forma de resistência, porque Ponciá resistiu. Na prosa inteira, a cada passo e atitude dela, percebemos que, apesar das dificuldades e alienações, ela insistiu, mesmo que de maneira "morta-viva".

A loucura no feminino pode vir como uma forma de resistência, pois mesmo ela sendo tachada de louca, colocada em um manicômio e julgada pelo marido, ao longo da narrativa mostra-se forte e segue a sua jornada. Porque o feminino tem garra mesmo nas adversidades do cotidiano e a ideia de sexo frágil está se desfazendo ao longo da história, principalmente, quando conhecemos, por exemplo, a vida da autora Conceição Evaristo: de menina pobre e preta à representação da voz feminina.

Entretanto, ainda há resquícios preconceituosos que estão arraigados na sociedade, revelados, principalmente, por homens que racionalizam a desigualdade e oprimem, na maioria das vezes, as suas companheiras.

Nesse contexto, remetemo-nos às várias dimensões em que está envolvida a figura de Ponciá, seja no aspecto social, cultural, político ou econômico. Devido a sua origem e trajetória de vida, ela era colocada em uma posição marginalizada, deixando marcas indeléveis que serviram de base material para dar voz aos sussurros de socorro que, ainda, reverberam por entre as mulheres que compartilham da mesma situação. Sendo assim, *Ponciá Vicêncio* ultrapassa o valor literário, que é indiscutível, e apresenta como um dos aspectos mais significativos da produção literária de Evaristo: o tratamento relevante da loucura, como forma de resistência, na protagonista.

Para tal construção, valemo-nos dialogar com o tratamento que Michel Foucault profere ao que tradicionalmente é denominado poder:

> Em vez de falar em violência preferia falar de microfísica do poder; em vez de falar de instituição, preferia procurar ver quais são as táticas que são postas em ação nessas forças que se enfrentam; em vez de falar de modelo familiar ou de "aparelho de Estado"... procurar

> ver a estratégia dessas relações de poder e desses enfrentamentos que se desenrolam na prática psiquiátrica. (FOUCAULT, 2006, p.21)

Percebe-se, claramente, na passagem acima, que o filósofo contrapõe alguns termos, que tradicionalmente, fariam parte dos seus primeiros estudos. Portanto, “violência”, “instituição” e “modelo familiar” denotam parâmetros teóricos que versavam sobre a violência, instituições e aparelho de estado, em prol de conceitos relativos ao poder por ele pensado. Entretanto, “microfísica do poder”, “táticas que são postas em ação” e “relações de poder” são desdobramentos dos primeiros conceitos, porém pensados como forças que interagem entre si. Ou seja, não se deve pensar em “violência” como fato isolado, mas sim, como consequência de fatores externos, e internos, que desembocaram em tal ato, por exemplo.

Portanto, para a análise de Ponciá, os parâmetros teóricos se baseiam nos conceitos tradicionais e contemporâneos de Foucault, pois a loucura tem uma dimensão cuja explicação enraíza-se também nas instituições psiquiátricas. Tanto a instituição quanto o derivado das relações de poder, atuariam no engendramento da alienação, tal como descreve Evaristo, valendo-se da importância da protagonista.

O desenlace do romance apresenta Ponciá com atitudes que se assemelham aos defensores da não violência, optando por aquilo que a psiquiatria considera como loucura. Nesse caso, ela submerge em seu mundo como forma de manifestação e resistência, que também pode ser considerado um posicionamento ativo frente à violência e ao sofrimento diante de uma inexorável realidade. Ao contrário da célebre figura de *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes, que, mergulhado em sua loucura, combate os moinhos de vento de maneira obstinada e externalizada, partindo para o confronto.

Outra questão que devemos colocar em julgo é a linha tênue pela qual muitas obras literárias caminham. Isto é, até que ponto Ponciá tem de Conceição Evaristo e vice-versa? Ou: como diferenciar a amálgama formada pela ficção, mas com representações, bem íntimas, da realidade? No caso de *Ponciá Vivêncio*, o leitor, atento à biografia de Evaristo, percebe as experiências de vida da autora impressas na representação artística. Portanto,

o romance é o que podemos denominar “trama híbrida”, na qual há uma mescla entre esses dois universos.

Afinal, tal como a personagem, Evaristo passou por situações sociais semelhantes, entretanto o que a diferencia de Ponciá é que mesmo vivendo em condições de extrema vulnerabilidade, mostrou notável resiliência e superação frente à sua realidade de vida, tornando-se um ícone da força interior da mulher. Já Ponciá, no desfecho, vive “(...) a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma. Quando [ela] voltou a si já era quase meia-noite. Quanto tempo ficara alheia? Não sabia ao certo.” (EVARISTO, 2017, p. 43). Ou seja, podemos vislumbrar a profunda ausência da personagem, o “aparta-se de si mesma” e quando ela retorna é como se ela emergisse do campo da loucura sem saber, ao certo, por quanto tempo estivera lá.

Ponciá é uma personagem muito observadora, prefere o silêncio, gosta da ausência, mas, ao mesmo tempo, sente falta do avô, do irmão e da mãe que deixou no povoado. A protagonista representa, por diversas vezes, esse querer ausentar-se e, ao mesmo tempo, o não saber como se ausentou e por quanto tempo. Logo, ela espelha todas as mulheres que já passaram por este processo: de serem classificadas como loucas. Em todas as ocasiões, ou quase todas, a mulher louca é aquela que foge dos padrões de uma sociedade patriarcal, alicerçada no poder exercido pelo gênero masculino, ao longo do tempo.

Assim, ela se coloca em um lugar de força: da mulher, do feminino e da loucura como manifestação de resistência. Porque, ao mesmo tempo que se ausenta de si mesma, Ponciá gostava da ausência, e via em tal atitude uma maneira de resistir aos maus tratos de um companheiro e às perdas das pessoas que a circundavam, a exemplo, a mãe da protagonista:

> A mãe de Ponciá Vicêncio pensava nos filhos, mas relutava em tomar o rumo da cidade. A cidade era para os novos, para os que aguentavam qualquer aventura. Os cabelos dela embranqueceram da noite para o dia embora conservasse o rosto jovem. Ela trazia o coração dolorido. Era como se estivesse dentro do peito um grande pote de barro, no qual armazenasse todas as pessoas queridas, e esta vasilha um dia tivesse quebrado, partido. A mulher sofrera muito com a ida da filha, depois com a do filho. Antes, havia vivido o pesar da passagem de seu homem, naquela tarde clara e ensolarada. E foi acumulando idas, partidas, ausências. Ás vezes num desespero tal,

> que ela pensava, então, em abreviar a sua hora. Sentia-se tão só, tão vazia, que poderia ir buscar o barro lá no fundo do rio... Sozinha, entretanto, se recuperava. Ela acreditava que a vida tem o tempo certo, assim como o fruto tem o momento exato para ser colhido. Sabia que sua vida não era ainda seu fruto amadurecido. Seus dias não estavam prontos, não era tempo de se colher. E, então se tivesse de padecer, que experimentasse as dores. Se tivesse que ser só, que sozinha fosse. (EVARISTO, 2017, p. 65)

Ou seja, na passagem anterior, é nítido mais um retrato de um eu retorcido de uma mulher. A mãe de Ponciá, que não vira o tempo passar, pois seus "cabelos embranqueceram da noite para o dia", retoma a questão da loucura. Pois "Era como se estivesse dentro do peito um pote grande de barro" onde guardava as suas recordações, quebradas pela ausência do marido e dos filhos. E, diferente da filha, cogitava o suicídio, "abreviar a sua hora", como única forma de resolução das suas dores.

Apesar das circunstâncias, ela resistia e "acreditava que a vida tem o tempo certo", isto é, entre "idas, partidas e ausências", como menciona a narradora, a personagem seguia adiante, (re)moldando-se como o barro, assim como os bonecos do avô que a filha fazia, quando pequena.

Portanto, mãe e filha simbolizam a figura da mulher. Essa, que é o centro da nossa análise em *Ponciá Vicêncio*. Aquele ser que, às vezes como única saída, busca na loucura absorver tantos papéis que lhe foram impostos pela sociedade: o de mãe, o de filha, o de mulher, o de esposa, o de companheira, o de profissional e o de dona de casa. Todas essas facetas nos são apresentadas sob a ótica de Conceição Evaristo em um romance cuja sensibilidade feminina, por vezes desajustada, traz a força da resistência como revelação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi mostrar no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, como os termos “loucura”, “feminino” e “poder” se relacionam na construção da personagem Ponciá e como eles, ainda, reverberam na história do feminino, ao longo do tempo. Para tal, valemo-nos, fundamentalmente, das concepções do filósofo Michel Foucault, a fim de identificar como esses termos se relacionam sob a ótica da psiquiatria, além dos fatores externos, tais como: sociedade, tempo e espaço.

Nessa linha, observamos como a protagonista, em sua própria “loucura”, se constitui como mulher de resistência, frente aos sofrimentos alimentados desde criança, com a perda do avô, do pai e, posteriormente, do afastamento da mãe e do irmão. Além, das violências físicas e psicológicas sofridas durante a relação com o marido. Portanto, Ponciá se fecha em seu silêncio como mecanismo de defesa e enfrentamento, mas que é considerado como uma atitude “maluca” e “marginal” pelas pessoas que a cercam.

Para tanto, dividimos a pesquisa em três grandes etapas: “O feminino em Conceição Evaristo”, onde abordamos aspectos teóricos sobre a evolução da história do feminino, levando em consideração os aspectos científicos, sociológicos e políticos, dissolvendo a fala preconceituosa de que: “(...) Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos (...)”. (PERROT, 2010, p.178). Além de apresentar a biografia da autora, Conceição Evaristo, a fim de refletir sobre a história de vida dela, enquanto mulher, preta e da periferia, que, hoje, representa a voz do feminino, por meio da sua produção literária.

Em um segundo momento, discutimos o termo “loucura”, de acordo com Foucault, e os desdobramentos de significados que se atribuem pela sociedade e, especificamente, pelos homens, a esse termo. Para que pudéssemos fazer a análise do romance, considerando o valor estético e social da obra. Por fim, “A poética da loucura em Ponciá”, resgatando no romance indícios de como as crenças e heranças familiares e sociais interferiram na construção de Ponciá como “mulher resistência”, a partir do momento que ela imerge na loucura como fuga da realidade hostil, pois “(...) Agora gostava da

ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (...) (EVARISTO, 2017, p. 40)

No que tange à designação do vocábulo “feminismo”, pareceu-nos, teoricamente adequado, considerar tanto o aspecto biológico quanto o social. Sendo esse, produto das relações estabelecidas entre as pessoas, mas que não engendra por si só ao ser humano. Dado que, aquele presta assistência na formação do indivíduo.

Dada a heterogeneidade do movimento feminista, que está constituído por diversas matizes ideológicas, é necessário elaborar uma teoria que contemple esta multiplicidade. Daí depreende-se a importância de encontrar soluções pacíficas, pois sendo tais contradições não antagônicas são passíveis de serem solucionadas nestes moldes.

Uma das principais contribuições de Foucault, no que diz respeito ao feminino, foi a elaboração de uma teoria do poder que, ao contrário das correntes predominantes, o localiza em um sentido mais amplo de existência. Portanto, o poder passa a denotar uma multiplicidade de instituições portadoras de poder, tradicionalmente denominada sociedade civil. Esta teoria, ampliada do poder, tem consequências políticas práticas na medida em que assinala como tarefa, não só uma luta ao redor do estado, mas que deve ser efetuada, também, na sociedade civil.

Nela, as mulheres defrontam-se, ao longo da vida, com os poderes que direcionam o seu comportamento segundo padrões, muitas vezes, imbuídos de preconceitos. A concretização deste fato é visível nas famílias patriarcais, onde ela assume um papel subalterno, submissa às ordens do chefe da família: o homem. Tal circunstância, que a mulher está imersa, não poderá deixar de afetar sua saúde psíquica que, muitas vezes, é tratada, mas ignorando as causas sociais.

Logo, são os fatores sociais que configuram o cotidiano no qual Ponciá está inserida. Tal universo é expresso não de maneira conceitual baseado em um instrumental sociológico, mas por meio de uma organização do mundo sensível, ou seja, mediante um reflexo estético. De acordo com o mundo sensível, Ponciá percebe-se, sente-se e descreve fenômenos sociais como: as marcas da escravidão, a desterritorialização, sua condição social econômica e cultural. As agruras de sua vida são relatadas de forma a dar conta de sua

dupla dimensão, isto é, de sofrimentos físicos e espirituais, individuais e coletivos. Esses fatores, além de afetarem frontalmente a psique da protagonista, podem ser de grande valia para uma análise científica da realidade, ganhando uma função para o pesquisador fazer a análise da obra de arte.

Podemos conceber neste estudo que a personagem Ponciá, além das mazelas sociais inerentes ao capitalismo, materializa três lutas fundamentais: no que concerne à loucura, à emancipação da mulher e à luta antirracismo.

Portanto, a obra de Conceição Evaristo fornece elementos teóricos importantes para alicerçar Políticas Públicas no sentido de minimizar ou, até mesmo, solucionar graves problemas sociais no Brasil, entre eles: as desigualdades.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro.** 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-76RF2H/1/aline_alves_arruda_texto.pdf.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDINO, Luiza. **Conceição Evaristo**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm.> [online] .Acesso em: 10/10/2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. 12. ed. [s.l.]. Editora Civilização Brasiliense, 2016.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas – Os mistérios do Divino Feminino**. São Paulo, Editora Palas Athena, 2015.

COSTA, Virginia Carvalho de Assis. **Loucura Como Espaço De Fala: Insubordinação e resistência na literatura de autoria feminina**. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524973.pdf. Acesso em: 18/06/2019.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci – Um estudo sobre seu pensamento político**. v. 2. Porto Alegre: L&PM Fontes do pensamento político, 1981.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do Corpo- 2. Da Revolução à Grande Guerra**. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raças e classe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **História e conversas de mulher**. Editora Planeta, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**. v.14. n.1 Florianópolis. Jan./Apr. 2006.

[online]. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a17v14n1.pdf. Acesso em: 2019.

ESCOBAR, Antoniu Jack Vargas. Genealogia e política. In: **Recordar Foucault.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras Belo Horizonte,** Maio de 2009. LITERAFRO Portal da literatura Afro-Brasileira Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> [online]. Acesso em: 23/10/2020.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento de Conceição Evaristo à Pallas Editora,** 2019. Disponível em: https://www.pallaseditora.com.br/produto/Poncia_Vicencio/295/.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, Michel. ***Microfísica do poder***. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Manoel Barros da Motta (Org.). 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV - Estética: Estratégia, Poder-Saber**. Manoel Barros da Motta (Org.). 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

FOUCAULT, Michel. O poder psiquiátrico. In. RODRIGUES, Thiago. **Poder, Loucura e Anarquia uma genealogia do agonismo em Michel Focault.** Revista Ufprbr.História: questões &Debates,Curitiba. v. 67. n.2. p.89-108. jul/dez2019. p. 92.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 8. ed. São Paulo: Villa das Letras, 2007.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade. **Da obediência à liberdade: a filosofia como um modo de vida em Michel Foucault.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183419/349809.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20/10/2020.

GUIMARÃES, Juca. Brasil de Fato. **Uma visão popular do Brasil e do mundo. Conceição Evaristo: "Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos"** São Paulo, SP, 20 de Novembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos/> [online]. Acesso em: 05/10/2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela***. Rio de Janeiro: Rocco*, 2017.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. São Paulo: Ed. Zahar, 2000.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.

MONCAU, Gabriela. 2018. Sistema sexo-gênero In RUBIN**,** Gayle. **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-gênero-gayle-rubin> [online]. Acesso em: 11/ 2020.

NETO, João Leite Ferreira. **Artes da Existência: Foucault, a Psicanálise e as Práticas Clínicas.** Psic.: Teor. e Pesq. v.23 n.2 Brasília abr./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em 20/10/2020.

OLIVEIRA, William Vaz de. **A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria**. Hist. cienc. saúde-Manguinhos [*online*] 2011, vol.18, n.1, pp.141-154. ISSN 0104-5970. Rio de Janeiro, mar. 201. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100009&lng=pt&tlng=pt.

OLIVEN, Arabela. **Campos Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil os Estados Unidos e o Brasil***.* n. 1 (61), p. 29-51. Educação Porto Alegre/RS, jan./abr. 2007. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/539/375.

PASSOS, Rachel Gouveia; COSTA, Rosane de Albuquerque. SILVA, Fernanda Gonçalves da. (Org.). **Saúde mental e os desafios atuais da atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2017.

PEREIRA, Melissa de Oliveira. PASSOS, Rachel Gouveia. (Org.). **Luta Antimanicomial e feminismos: inquietações e resistências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2019.

PEREIRA, Melissa de Oliveira. PASSOS, Rachel Gouveia. (Org.). **Luta Antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2019.

PERROT, Michelle. **A história feita de greves, excluídos & mulheres**. Outubro de 1996. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/ts/v8n2/0103-2070-ts-08-02-0191.pdf> Acesso: 25/09/2020.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010.

PERROT, Michelle. **Feminismo para poucas**. [Entrevista cedida a] Laura Greenhalgh. [s. d.] Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/feminismo_para_poucas_entrevista_michelle_perrot.pdf. Acesso em: 04/11/2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. **História das mulheres, da academia para os almoços de domingo**. Rev. Estud. Fem. v.15 n.1 Florianópolis Jan./Apr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000100015&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 25/09/2020.

PORTUGAL, Francisco Teixeira e JACÓ-VILELA, Ana Maria (Org.). **Clio-Psyché- Genero, psicologia, história**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In SOBRENOMES **Masculino, feminino, plural** Artigo publicado em Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) –. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

RIBEIRO, Simone dos Santos. GIRALDI, Patrícia Montanari. CASSIANI, Suzani. **'As não ausentes': olhar interseccional para a ecologia de saberes. Revista fórum identidades**. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 30, nº 01, p. 131-150, jul.-dez. de 2019. Disponível em: file:///Users/tassiavargas/Downloads/13506-Texto%20do%20artigo-38208-1-10-20200426.pdf. Acesso em: 25/10/2020

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas – reflexões sobre os novos feminismos.** 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WOOLF, Virginia, **Um teto todo seu**, tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso – 1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.